

6

Trajetórias de vida : mulheres negras e militância- a dor e a delícia de resistir

A história da ascensão dos negros e negras brasileiros é a história de construção de suas emocionalidades que são historicamente determinadas; uma maneira própria de organizar e lidar com a afetividade (Santos, 1983)

Essa emocionalidade é constituída por elementos complexos e é influenciada por fatores sociais, econômicos, políticos, geográficos, ancestrais e muitos outros aspectos que formarão suas identidades de classe, raça, gênero ao longo de suas trajetórias de vida. Tornar-se negro ou negra é um processo penoso, contraditório, que nos acompanha antes mesmo de nascer. Somos negros, porque nossos pais e avós o foram. Mesmo negando essa ancestralidade somos chamados diuturnamente através das lembranças sinalizadas em nossa pele, da nossa estética corporal, de certos hábitos familiares dos quais temos vagas lembranças e às vezes chegam até nós de forma difusa.

O projeto de dominação política eurocêntrico não conseguiu destruir por completo o legado africano e afro-brasileiro, pois os negros e negras no Brasil conseguiram manter a dignidade e resistir preservando viva as referências necessárias e capazes de questionar a pretensa universalidade do projeto civilizatório europeu. Assim, ser negro é, também, motivo de muito orgulho de pertença e de poder partilhar valores culturais, políticos, familiares, religiosos que sedimentaram novas formas de viver daquelas que o racismo nos impõe.

Nas Américas, africanos e seus descendentes viveram e reagiram o regime escravo por mais de 350 anos. Durante quase quatro séculos ações políticas e sociais foram desencadeadas por mulheres e homens negros e deram lugar as novas expressões de luta contra a exploração do trabalho e a opressões racial, sexual e muitas outras que até os dias atuais insistem em negar “outras” racionalidades expressivas e oponentes à ordem hegemônica. A primazia do poder das classes dominantes sob os grupos humanos não brancos desde os tempos coloniais até os

dias atuais perpetraram violências de toda ordem e seu produto, a violação de direitos, tem sido a base das denúncias constantes dos Movimentos Negros e de Mulheres Negras sobre a insuficiência e limite das formas de sociabilidades nas sociedades capitalistas.

O racismo e o sexismo cumprem esse papel ao provocar um deslocamento do campo político inerente de suas práticas e ideologias para o campo individual supostamente acéptico reduzindo o efeitos dessas práticas e ideologias à disfunção dos indivíduos, pois estes é que não conseguem se adaptar ao contexto social. Nesse terreno o mito da democracia racial atua para assegurar a idéia de harmonia racial, mas prevalecendo a lógica homem- branco- rico- heterossexual.

Assim, negando o viés conservador, esta tese pretende tornar evidente a luta das mulheres negras, que ascenderam através do ingresso na universidade. As cinco histórias de vida apresentadas no capítulo 4, desta tese, atestam que a luta pela sobrevivência numa sociedade hostil aos negros e negras não se reduz aos estereótipos negativos perpetrados pelo racismo.

São muitas as formas de resistência no enfrentamento do racismo e a militância é uma dessas expressões de luta. Assim, a história de militância das mulheres negras que entrevistei explicitou um universo rico de expressões de reconhecimento da dominação racial e de gênero como vivência de situações de perdas , dor, de constrangimento provocadas pelo racismo, o sexismo e a exploração de classe, mas também de resistências e negação do domínio patriarcal racista nos ciclos de vida. Essas experiências evidenciaram como o tripé patriarcado-racismo-classe-normatividade sexual obrigatória são indissociáveis e produzem desigualdades e assimetrias de gênero, raça/etnia e classe vivida de forma própria por cada uma delas.

Quando os negros ou negras ascendem socialmente e freqüentam espaços da classe média , as pessoas nos vêem como babás, copeiras, faxineira . Quando estudam, nunca são reconhecidos como profissionais. O tratamento de ‘doutor’ ou ‘doutora’, que se aplica aos brancos que fazem qualquer graduação , não é dado às pessoas não-brancas. (Garcia, 2006, p. 202).

Tendo que abandonar esse lugar subalterno e inferior que lhe é atribuído por razões históricas, e não possuindo outros referenciais para substituí-lo o negro viu-se

obrigado a tomar o branco como modelo de identidade, ao estruturar e levar a cabo a estratégia de ascensão social (Santos, 1983). Esses conflitos fazem parte do processo de construção da identidade negra, que dificilmente estamos imunes.

A pesquisa em tela conheceu a trajetória de vida de 5 alunas, denominadas colaboradoras/sujeitos da pesquisa, com as quais convivi muito intensamente nos últimos meses.

Os procedimentos de coleta de dados adotados: entrevista narrativa, o levantamento dos dados sócio demográficos e a lista de palavras e fotografias foram as técnicas privilegiadas para conhecer o pensamento das informantes/sujeitos da pesquisa sobre o racismo e o sexismo na formação de suas identidades, que serão explicados, na conclusão do trabalho, à luz das teorias sobre o negro construídas no pensamento social brasileiro, na literatura sobre relações raciais e da produção do movimento negro, do Movimento de Mulheres Negras e de intelectuais negros e antirracistas.

A seguir apresentamos temas que apareceram de forma recorrente nas histórias de vida, destacando as narrativas onde esses temas emergem no discurso das informantes/sujeitos da pesquisa.

A infância e as relações familiares

As nossas histórias foram antídotos utilizados pelos nossos pais e avós para nos ajudar a contra- atacar o veneno do ódio de si mesmo engendrado pelo racismo, diz Kathrine Morgan (2002). Ser mulher negra, a princípio, não é uma escolha. Somos interpeladas como negras pelo “outro”, segundo seu olhar preconceituoso e discriminatório devido a nossa condição histórica.

Todas nós , eu e as demais sujeitas desta tese - Paula Janaina, Evelin Dias, Luane Bento, Allyne Andrade e Clarissa- independentemente da nossa cor de pele, classe social, religião, escolha política, acesso a educação- compartilhamos em algum grau a experiência humilhante do racismo.

As crianças negras são introduzidas na vida desde pequeninos a viverem experiências de preconceito e discriminação.

Foram 300 anos de escravidão instituída e mais de 120 anos de experimentando uma república que pouco cresceu em termos de direitos de modo a melhorar a condição de vida da população negra.

Correia (1999) descreve as relações conflituosas, ambíguas e de distanciamento de nós negros temos conosco mesmo, com nossas origens e culturas e seu estudo sobre família negra tentou preencher uma lacuna, pois segundo a autora muito se tem produzido sobre as relações interracialis e quase nada a respeito das relações negras, negros entre si (Correia, 1999, p. 10) e, sobretudo, compreendida pelo próprio negro.

As narrativas das mulheres negras entrevistadas conformam a noção de família consagrada por Correia(1999) a qual define família como

Um núcleo de convívio entre pessoas afins e que se mostra privilegiado por ser um espaço onde valores, crenças e tradições se movimentam, mantendo-se, recriando-se nas relações entre os sujeitos e o seu coletivo familiar, forjando-lhes uma identidade(idem, p.10)

O núcleo familiar é o primeiro espaço de convívio da criança negra, lugar do afeto, da transmissão dos valores importantes para sua formação enquanto pessoa humana. O depoimento de Paula Janaina demonstra a dor de falar sobre a sua família, dos laços constitutivos e da dualidade de “pertencer” a duas famílias de mundos distintos:

Eu fui dada de presente para ela (mãe) ainda bebê. Nem a minha mãe biológica ainda me explicou porque e esse também é um dos motivos de eu entender as nossas dores. E eu sei que vai ser muito difícil pra ela falar sobre o assunto. A minha infância foi pautada por essas histórias que não tinham nem o fim nem o começo.

Eu fui criada em casa de família porque essa minha mãe adotiva era empregada doméstica e durante a semana nós ficávamos na casa de família onde ela trabalhava e durante no final de semana, nos domingos, só nos domingos nós íamos pra casa. Então minha infância era sempre essa dualidade. Ficava num mundo que não era o meu que era a casa da patroa, vivendo com os filhos dela e não era um mundo que me pertencia. E quando eu ia também para Baixada Fluminense em Mesquita também não era o meu mundo porque eu também não vivia lá e as crianças às vezes também não me aceitavam. Eu não tinha muito essa questão do eu não sentia essa questão do racismo e da discriminação acho que por ser criança, embora eu tivesse vergonha por ser empregada doméstica e por algum tempo eu tive vergonha dela e aí eu fui

entendendo que é porque ela (riso) não tinha muito tato assim pra ir às reuniões da minha escola vestida de empregada doméstica com aquela roupa toda manchada de água sanitária com um turbante na cabeça ou não sei o quê e eu morria de vergonha por causa das minhas amigas”.

Minha mãe adotiva Maria José ela era uma mulher assim tão forte e ao mesmo tempo tão dura nas suas vivências. E ela queria que eu fosse também a mesma rocha que ela era e eu achava às vezes que ela era desumana, pois parecia que não tinha muito sentimento. Ela não demonstrava muito sentimento e quando eu li esse texto da Bell eu consegui entender. Eu falei: gente como que a nossa população realmente sofre. Eu fui entendendo as dores da minha mãe, as minhas dores, algumas falas que eu não conseguia entender e fui meio que sintetizando algumas leituras que eu já tinha feito anteriormente. E eu sei que ainda vou ler muito mais coisa que vai me dar uma maior visão desse todo”. Paula Janaina.

Perda da Mãe

A minha adolescência foi assim muito fechada, por conta eu acho que da minha mãe. Ela era meu exemplo, ela é meu exemplo de vida de mulher forte, guerreira, trabalhadora e tudo, mas ela não era uma pessoa muito carinhosa. A minha adolescência foi assim muito quieta, eu muito querendo me ver num mundo a parte. Eu queria sempre viver numa história diferente daquela na qual eu vivia. Ela faleceu quando eu tinha 17 anos e ao mesmo tempo em que ela era muito dura, ela era muito protetora. Então quando ela faleceu a primeira coisa que eu falei foi: agora o mundo me engole. Porque eu estava sozinha, porque a minha mãe biológica tinha um convívio comigo, mas não era de mãe e filha, era como se fosse uma pessoa só conhecida”. “...

As mudanças após a morte da mães e a vivência e consciência da discriminação racial

essa moça com quem eu fiquei morando se ofereceu pra pagar um curso pra mim e eu toda empolgada pois na época havia um curso de informática chamado Data Control no Rio de Janeiro, que era o auge da informática e um curso de inglês que era o Brasas também que era o auge. Todo mundo queria fazer esses cursos e aí eu cheguei com um panfleto porque ela dizia que eu estava no primeiro ano do ensino médio e paralelo aos estudos podia fazer curso e me inserir logo no mercado de trabalho. Então eu cheguei toda empolgada com os dois panfletos com o preço, com os horários e ela virou pra mim e falou assim: **“Não Janinha não é esse tipo de curso que você tem que fazer você tem que fazer cursos que vão te inserir logo no mercado de trabalho. Esse curso de inglês e esse curso de informática são pros meus filhos, que eles vão cursar uma universidade eles vão é com certeza viajar pra fora do Brasil pro exterior você tem que conseguir uma coisa mais prática um curso mais prático.”** E foi por isso que eu fui fazer auxiliar de enfermagem na Cruz Vermelha e eu pensei que eu nunca ia exercer essa profissão

[...]faz menos de 10 anos que eu começo a ter é consciência de tudo que eu vivi desde a infância e eu digo que isso é um processo um processo doloroso. O

conhecimento ele é muito bom, te abre portas, janelas te coloca em contato com o mundo. É muito diferente do que você já viveu, mas ao mesmo tempo provoca muita dor porque você começa a identificar as questões raciais, pelo menos pra mim que desde 2007 venho tentando me aprofundar mais e isso me provoca muita dor porque eu começo a entender na teoria o que eu passei e passo até os dias atuais. É doloroso porque você junta a teoria com a prática e começa a perceber o quanto que o racismo, a discriminação não te deixam marcas físicas, mas deixam marcas internas muito mais profundas e o quanto que é doloroso perceber o que você viveu, o que a sua família viveu, o que sua mãe viveu. Você consegue entender algumas falas que por algum motivo te machucaram e você não sabia exatamente por que. Para mim o conhecimento hoje em dia é muito esclarecedor, mas é muito doloroso”.

A dor flagrante e pungente na fala de Paula Janaina expressa a lembrança da discriminação racial, e em decorrência o lugar social destinado às mulheres negras, Sem embargo, esse movimento traz à memória histórias que não queremos lembrar.

A solidão, a sensação e a realidade da desproteção, o desestímulo que as mulheres negras experimentam resulta de um processo histórico longo de mutilações. São vazios causados não pelo esquecimento em si, mas que foram gestados no processo de escravização que segundo Correia(1999) foi quando se fez o primeiro corte nas raízes de um povo: o povo africano.

O esfacelamento das possibilidades de construção de pertencimento entre os escravizados, levou a separação de parentes, casais, filhos, grupos étnicos, etc. destruindo muitas reconstruções. E, posteriormente quando se impõe a esse mesmo povo

Trabalho Doméstico como opção de sobrevivência

quando surgiu a possibilidade de virar empregada doméstica e babá eu falei: “eu preciso de um lugar pra morar dinheiro e uma dignidade porque pra gente para muitos da população negra é o trabalho quem trabalha é que é uma pessoa digna é a formação de caráter através do trabalho. Então eu fui trabalhar como empregada doméstica e babá cuidando do Gabriel. Ele tinha quinze dias quando eu fui cuidar dele e lá eu fiquei por dez anos de 1995 a 2005”.

Ruptura com a condição de objeto

Em 2002, 2003 eu acordei um dia e eu já estava com vinte e cinco para vinte e seis anos e olhei o que eu tinha e era só um quarto de empregada desses que a gente sabe como é que é bem pequenininho, com todas as coisas entulhadas da casa que não prestavam mais.

Motivação para o curso de pedagogia

E eu me vi educadora por dois motivos: eu tinha amigas também trabalhadoras domésticas que não sabiam nem ler nem escrever e eu ajudei na alfabetização delas. Eu fazia aqueles bilhetinhos pra que elas entregassem para as patroas. E também tinha muita patroa que humilhava as minhas amigas porque não sabiam a diferença entre um talher de peixe e um talher de salada, um copo de vinho e um copo d'água. Aí eu dizia para elas que as patroas não podiam humilha-las que isso estava errado, mas elas também tinham razão de dizer o que você tinha que saber por que essa é uma profissão como qualquer outra e você tem que se qualificar.

“Então eu me vi educadora e quis fazer o pré-vestibular para fazer Pedagogia na UERJ. Esse era o meu foco, tanto que eu não prestei pra nenhuma outra universidade. Em 2003 eu entrei para o pré-vestibular e tive que fazer um acordo com a minha patroa, porque eu morava no meu emprego e ela sempre contou comigo durante a noite também pra trabalhar, e esse é um dos problemas da trabalhadora doméstica – a questão da jornada de trabalho – porque a gente não tem direitos. Às vezes eu estava lá no meu quarto dez e meia da noite depois de um dia inteiro de trabalho e ela me chamava pra ficar com o Gabriel.

As barreiras e dificuldades no trabalho para fazer o curso universitário

Então eu fiz um acordo com ela pra poder fazer o pré-vestibular e ela só aceitou porque ela achava que eu não ia passar na primeira vez que eu fizesse a prova porque já faziam quase dez anos que eu não estudava. E ela disse: “Ah Janinha você vai fazer mas você não pense que você vai passar logo nesse primeiro ano.

eu acho que o racismo não afeta só a população negra. Eu chamo o racismo às vezes de doença e não se pode deixar as pessoas doente,

Eu comecei a fazer o pré-vestibular e não tinha no primeiro momento nenhuma ideia de que eu ia fazer pelo sistema de cotas. Não foi isso que me moveu até porque essa discussão estava ainda muito incipiente no Rio de Janeiro. Estavam começando os debates sobre as cotas e 2003 foi a primeira turma de cotas [...] Então eu fui fazendo o pré-vestibular para passar pelo sistema aberto mesmo”,

Assédio Moral e Racismo

E eu comecei a fazer um esquema para eu poder sair de lá porque eu sabia no meu íntimo que eu ia ter problemas quando eu passasse para universidade, porque eu tinha certeza que eu ia passar. E eu comecei a ver como é que eu ia sobreviver só com a bolsa do estágio e quando é que eu poderia começar a fazer estágio. Então eu comecei a bolar um esquema financeiro pra que eu pudesse fazer a universidade. E eu passei logo no primeiro vestibular pelo sistema de cotas. Foi nesse primeiro momento que eu comecei a ter a primeira noção do que eram as cotas como uma política pública de ação afirmativa” Paula Janaina.

A chegada na UERJ e ausência de debate sobre as cotas

Foi logo nos primeiros dias de aula no seminário teve um seminário sobre as cotas, sobre ação afirmativa na UERJ e aí foi que comecei a pensar que a gente não tinha muitos locais de debates sobre cotas Não tinha um momento de falar da vivência dos cotistas”.

O rompimento com a subalternização em busca da autonomia

*Em 2004 quando eu estava no segundo período a minha ex-patroa exigiu que eu parasse de fazer a universidade. Ela disse que eu não tinha direito de estar naquela universidade, numa briga que nós tivemos porque eu queria entregar um trabalho para o Professor Gaudêncio Frigotto. Porque tinha sido meu primeiro trabalho de mais de dez páginas e era assim com um filho, era assim o meu orgulho e eu queria entregar esse trabalho. E ela sempre deixava levar o Gabriel para as aulas se ela estivesse viajando e ele não tivesse com quem ficar. Então ele assistia às aulas comigo e ela nunca criou caso com isso, mas quando ela viu que a universidade era realmente uma coisa importante para mim começou a pôr resistência e a brigar e a me esperar todos os dias depois da aula pra dizer que: **“Ah você esqueceu de botar comida no prato, você esqueceu de limpar ali, você esqueceu de limpar aquele cantinho ali porque você não tá dando conta de fazer uma universidade e de trabalhar, então você vai ter que fazer uma escolha.”** E aí nesse dia eu disse para ela que no dia seguinte eu tinha que entregar esse trabalho, que era o último dia de aula. E foi uma briga muito feia e eu digo que naquele momento, naquela noite de dezessete de dezembro de 2004 eu vi a discriminação e o preconceito se materializarem. E foi muito ruim porque eu não tinha resposta pra dar porque ela me pegou tão de surpresa. Como é que alguém diz que eu não tenho direito de tá num lugar? Que aquela **faculdadezinha** não ia me levar a lugar nenhum, que eu não ia sair da condição que eu estava por conta dessa **faculdadezinha**. Na hora doeu tanto, foi tão pesado aquilo, porque que ela é professora de uma universidade pública. E isso é que era mais espantoso. E eu dizendo pra ela: **“Eu tenho direito sim, eu estudei para estar naquele espaço, que aquilo não me foi dado, eu conquistei, eu fui lá, eu estudei, eu passei por uma prova eu tenho direito sim.”***

A militância como expressão da identidade com a causa antirracista

Eu não passei nem um mês a mais na Universidade e essa vontade de simplesmente ter o diploma e concluir o curso me distanciou um pouco da questão política, de estudar a fundo o que significava ter entrado pelo sistema de cotas.

2005 eu fui chamada pra ser estagiária numa incubadora afrobrasileira de negócios que era vinculada com o Instituto Palmares de Direitos Humanos que é uma instituição do movimento negro [...]Foi nesse evento que eu conheci um senhor que era do movimento negro e me convidou pra conhecer essa ONG. Eu não levei muita fé na época e falei: “Esse povo do movimento negro fala, fala, fala, fala...” (risos) E aí eu meio que fugi, mas depois foi onde eu fui acolhida, me abraçaram.

Foi lá que realmente eu consegui enxergar qual era esse papel de mulher negra ex-empregada doméstica, ex-cotista qual era o papel que realmente eu queria para minha vida que era trabalhar com as questões raciais para me entender e para tentar

contribuir para que a sociedade também entenda o que é essa questão do racismo e o que ele provoca nas pessoas negras e não negras.

Ação afirmativa e mercado de trabalho

E em 2008 o diretor executivo da incubadora afrobrasileira Sr. Giovani Harvey veio para Brasília trabalhar como secretário de políticas de ações afirmativas e me convidou para ser sua assessora técnica na Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Então eu vim e aqui fiquei. Prestei a prova para o mestrado em 2009 na UNB, passei e estou desenvolvendo agora a pesquisa.

Evelin Fernanda Dias

Evelin , 34 anos, sexo e gênero femininos, autodeclarada preta, heterossexual. Nasceu no Rio de Janeiro e mora na mesma cidade. Está cursando graduação em Serviço Social. Filha de pais já falecidos. Seu pai, motorista de ônibus e de transporte particular, faleceu em 1991 e sua mãe exerceu duas funções no HCE: agente de portaria e outra que desconhece. Ela faleceu em 1992. O pai e mãe negros, ambos com ensino fundamental incompleto. Renda familiar de R\$900,00 declarada no período da entrevista.

Atualmente reside com o marido e três filhos. Durante a infância morou na periferia nos bairros de Rocha Miranda e Vicente de Carvalho. Na adolescência morou no Centro e na periferia nos bairros da Pavuna, Estácio e Tijuca; Na juventude, Tijuca, Pavuna e Laranjeiras e, na fase adulta na Pavuna e Penha. Na infância sempre morou com os pais. Na juventude, na casa de outros familiares. No que se refere a educação, frequentou na infância escola pública; na adolescência , juventude e fase adulta frequentou a rede pública de ensino. É Militante da Associação de Mulheres Negras Aqualtune.

O racismo para as mulheres negras é opressão e desejo de superação. Para sua vida o racismo é superação cotidiana e para as famílias negras é confuso, mas é uma questão central que precisa ser superada. Na infância ele foi cruel e perverso, na

adolescência competitivo, desbravador e agressivo e na fase adulta, objeto de militância cotidiana.

O racismo no Brasil é subjetivo, declarado e encoberto na normatividade. O racismo institucional é perverso e assassino. Na escola é tudo de ruim; na universidade é perverso e competitivo. Nas relações afetivas o racismo é subjetivo e destrutivo nas famílias negras. O racismo no trabalho é subserviência e subordinação e na militância deve se combatido, como o sexismo. As ações afirmativas no ensino superior é, para os jovens, conquista e debate público.

Infância: conflitos familiares e a exclusividade da presença feminina na formação da identidade

Na minha casa era assim, carinho, dedicação delas comigo, mas eu tinha um problema que era a falta da presença do meu pai. O conflito da minha mãe com meu pai era permanente. As brigas eram frequentes, isso me marcou muito. Marcou pelas ausências nas festas na escola, que às vezes ele não ia, às vezes chegava atrasado. Sentia a necessidade da presença masculina. Minha mãe acabou influenciando na minha personalidade porque era hiper-apaixonada pelo meu pai. Eu estava no meio de tudo; minha mãe fazia escândalo, chegamos a ir a um terreiro, minha mãe ia ao centro de Umbanda e me levava, não entendia nada, só ia brincar e comer, apesar de que fui criada na religião cristã. Minha mãe pedia o meu pai de volta, me colocava junto para pedir o meu pai debaixo da mesa. Fiquei muito envolvida na situação deles. Lembro que quando eu tinha 12 anos meu pai resolveu dizer que não era meu pai, ele já tinha me registrado, disse que não era meu pai, para não pagar pensão. Fiquei com muita raiva e comecei a me afastar dele, até que ele faleceu. Até eu ter meus filhos fiquei um pouco dura, com raiva dele. Tirei o nome dele; os meus filhos não têm o nome do meu pai, só o da minha mãe. Hoje, acho que eu o perdoei, voltei com o nome do meu pai. Ele sempre foi uma pessoa boa e carinhosa comigo. Tinha problemas, mas com a minha mãe. Lembro que quando a minha mãe faleceu, fui morar com a minha tia.

Novas redes familiares são acionadas com o falecimento da mãe

Quando fui morar com a minha tia, ela me colocou em outra escola, mas não queria que eu me misturasse com as crianças e adolescentes; eu não tinha nenhum colega. Era muito complicado, às vezes eu fugia do colégio com um grupo, ia para o baile, quando tinha que fazer um trabalho de grupo eu não podia ir à casa das pessoas. Esse tempo que eu vivi com a minha tia, a gente viveu um tempão brigando. Eu queria

estudar, mas não queria fazer nada que ela queria que eu fizesse. Comecei a trabalhar no Mcdonald's, conheci meu marido, à época era namorado. Depois fui modelo fotográfico, fiz alguns desfiles. Comecei a querer realmente sair da casa da minha tia. Fui morar com algumas amigas. Depois, me afastei da minha tia. Comecei a lembrar das coisas que minha mãe me falava, queria que eu fosse psicóloga. Comecei a voltar a estudar. Nessa época, fiquei grávida da minha primeira filha. Não voltei à escola, esperei. Depois que tive filho fiquei em casa, comecei a entrar em depressão, porque eu, antes, era uma pessoa que saía quase todos os dias. Quis formar uma ONG, que não deu certo. Fiz um curso na UERJ, um curso de empreendedor social, para ser empreendedor na comunidade. A partir desse curso, entrei e contatei com pessoas que me indicaram um curso de História Negra.

O projeto de branqueamento da criança negra: dilemas do corpo negro

Desde pequena, onde eu morava, viviam pouquíssimas crianças negras; eu não percebia muito essa questão do racismo, mas entre as crianças, algumas não queriam brincar porque eu era preta. As meninas brancas implicavam com o meu cabelo queriam que eu soltasse o cabelo, queriam ver como era meu cabelo. Quando essas questões eram levadas à diretora, ela sempre reprimia. Por uma ou duas vezes eu soltei o cabelo e fui que nem uma onça. Comecei a achar estranha a questão do cabelo porque eu percebi que o cabelo da gente nunca ficava liso. Depois minha mãe começou a passar alisante no meu cabelo, antes penteava com creme, água e fazia cachinhos, acabei naturalizando essa questão.

Conflitos e ambigüidades da identidade negra

No 2º grau não queria ser preta, porque tinha um avô índio. Ele me questionava, você já se olhou no espelho? Qual a sua característica quando você se olha no espelho? Qual a sua descendência? Chegou um dia, a princípio, muito tensa, que eu tive que falar que eu era preta. Então, me olhava no espelho, via o cabelo crespo, não tinha como não dizer, tinha que confessar. Comecei também a me questionar, por que a gente tem tanta dificuldade em dizer que é preto, por que eu tenho mais facilidade de dizer que eu sou moreninha. O volume do cabelo foi a principal questão. Era mais fácil usar o cabelo alisado, as pessoas não me incomodavam tanto, disfarçava melhor a questão. Mas, começou a surgir a questão da beleza, do namorado, comecei a me perceber como preta. Mas ninguém falava, você é bonita porque você é preta. A gente, às vezes se ofende e fica calado, não fala nada, não grita. Comecei a participar de seminários que falavam sobre a questão, todo lugar que o pessoal ia falar dos pretos, eu ia. Comecei a fazer permanente, também cortei o cabelo, me surpreendi, me senti legal e radical. Fiz tranças embutidas. Passei a conhecer, passei a ter orgulho. Mas, para conseguir usar o cabelo black, cheio, foi um processo. O cabelo não é a pessoa, o cabelo é meu, faz parte do meu corpo, faz parte da minha identidade, eu conheço a minha cor, eu sou negra. Mas, às vezes, eu ainda entro em conflito com a minha personalidade

Luane Bento- Cientista Social

Luane, 27 anos, sexo e gênero femininos, negra, heterossexual. Filha de um casal de pais negros. Seu pai faleceu em 1992, sua mãe tem 57 anos de idade. Seu pai era metalúrgico e cursou o ensino fundamental completo; sua mãe, empregada doméstica não concluiu o ensino fundamental. Licenciada em Ciências Sociais atualmente cursando Mestrado em Relações Étnico- Raciais- CEFET/RJ e sua renda no momento da entrevista era de R\$500,00 relativa a uma bolsa de estágio em biblioteconomia.

Luane nasceu no Rio de Janeiro e Residiu desde a infância em imóvel próprio na periferia de Niteroi. Na infância morou com os pais e o irmão em imóvel bem estruturado, com um quintal de largas dimensões em bairro da periferia do município. Teve uma infância feliz, com a presença dos pais diuturnamente. Diz Luane :

na infância brinquei muito, brincava no quintal o que é muito positivo, porque eu já morei em apartamento e é um tanto estranho, e você ser criada em quintal parece até que sua imaginação vai mais longe, pegava minhas bonecas e colocava no carrinho, saía andando pelo quintal, brinquei mesmo, até os treze anos e quando eu tinha treze anos as minhas amigas todas já estavam ficando, e eu não queria ficar, achava aquilo muito agressivo, ah... agora você tem que beijar na boca e largar suas bonecas, e eu adorava brincar de boneca, adorava andar de bicicleta na rua, apesar que eu não era muito uma criança que brincava muito na rua, sempre... Mais assim, eu estudava numa escola pública que era dentro de uma comunidade que era recente que é a do Cantagalo em Niterói, que eu morava em Pendotiba Badu, nasci lá, sou criada lá, desde os dois meses de idade, hoje eu não moro mais lá no Badu, mais era um terreno que minha avó comprou e deu uma parte para cada um dos filhos fazer a casa, minha mãe morava na parte da frente, fui criada numa casa grande, dividi quarto com meu irmão até os quatro anos, depois eu tive meu quarto, sempre tive brinquedos,[...] eu sempre tive carne, sempre teve frango, sempre teve fruta, o pão era bisnaguinha, não era francês porque agente não gostava de pão que ficasse duro, sempre teve bolo, então assim nunca... tanto é uma coisa que uma amiga minha fala, a Glaucia, eu me pensava até classe média por que assim, você olhava pro outro e outro não tem, eu nunca passei fome, não tenho aquela história...

Frequentou alfabetização em colégio particular e depois ,o ensino fundamental, na escola pública. Ingressou em uma escola que era localizada dentro de uma comunidade chamada Pendotiba Badu mas sem vinculo afetivo com os sujeitos envolvidos em sua formação . Atribui esse desestímulo ao racismo na rede escolar, as vezes, xingada outras vezes humilhada pela sua condição racial e social.. Quando se

via como classe média sua identidade era provocada por valores hegemônicos baseados na classe sem a mediação da raça e do gênero, como é comum nas crianças brasileiras.

até os sete anos eu não gostava de estudar, eu odiava ir pra escola, eu odiava ir pra creche, que eu fui pra creche com dois anos, eu odiava estudar. Hoje atribuo ao racismo.

A escola pública brasileira passou por transformações profundas nos últimos 40 anos. A expansão do ensino fundamental e médio (na época primeiro e segundo graus) não foi acompanhada de uma preparação nos profissionais da educação para lidar com classes numericamente grandes e racialmente heterogêneas. O despreparo e ausência de formação para uma educação antirracista favoreceu a reprodução das práticas racistas na escola.

A expressão de Luane “*eu odiava ir para a creche*” é em sinal para a família prestar atenção e verificar se ela suas necessidades afetivas atendidas na escola. Desde o nascimento, as condições materiais e afetivas são importantes para o desenvolvimento material e afetivo da criança. As crianças negras como sinalizamos na seção referente têm suas experiências marcadas pelo des-afeto, na maioria das vezes sem a presença dos pais.

Santana (2006) diz que no contexto mundial, a partir dos séculos XVII e XVIII, com a gênese dos asilos, refúgios e abrigo para as crianças, a infância passa a ser considerada uma etapa da vida que merece atenção. Contudo, o processo às crianças brasileiras nesse período foi racializado ficando as crianças negras à própria sorte. As famílias eram chamadas a educar segundo valores morais rígidos embasados no cristianismo e burgueses.

É com o *outro*, pelos gestos e palavras, pelos toques e olhares que a criança constituirá sua identidade e será capaz de identificar o mundo atribuindo significados a tudo que o cerca. Seus conceitos, valores sobre ávida, óbelo, o bom e o mal, começam a se constituir nesse período

A família embora pobre tinha uma vida digna, pois o casal garantiu acesso a alimentação de boa qualidade, assim como a brinquedos que as crianças pobres brancas não tinham. Luane na infância tinha uma boneca Barbie que ela levava nos dias específicos para a escola que e segundo ela, causava sentimento de inveja nas

crianças brancas. A boneca funcionava como um símbolo de poder e status que atenuava discriminação que Luane sofria.

as crianças brancas tinham raiva, porque no dia que tinha que levar boneca, eu tinha Barbie, e a minha Barbie não era falsificada, eu ia lá e levava, elas ficavam revoltadas,

A escola, pelo exposto não estava preparada para atender os conflitos decorrentes das desigualdades sócio- raciais estabelecidas na sala de aula.

A perda do pai

A perda do pai irá mudar a dinâmica familiar. Sua mãe deixa o emprego para cuidar da família. A forma violenta com a qual o genitor perdeu a vida corrobora a ação do racismo contra os homens negros, maiores vítimas de homicídio. A ausência paterna provocará mudanças na dinâmica familiar, configurando uma perda inestimável que marcou sua identidade na infância e na adolescência..

Meu pai morre uma semana antes que ia fazer oito anos, no dia dois de fevereiro e eu ia fazer aniversário dia nove, e eu não entendia a morte do meu pai e eu quis por que quis que minha mãe fizesse bolo, e meu irmão: _ Luane, nosso pai morreu! E eu e daí? Agente tava na casa da minha avó é meu aniversário, aí minha mãe falou: _ Ai D. Lurdes, não sei o que eu faço com ela, D. Lurdes é minha avó. Aí ela falou: _ Não Claudia, não deixa de fazer o bolo dela, senão ela vai aguardar, aí foi, minha mãe fez o bolo chorando, meu primo foi e colocou as bolas, meu irmão foi na padaria e comprou a vela e eles batendo parabéns e eu, gente canta, canta! Aí meu irmão chorando... Essa é uma cena que eu tenho muito forte, porque como meu pai vinha do percurso do serviço, ele foi assaltado, aí de novo a merda do racismo, sempre tem que falar que ele foi assaltado e não que foi um assalto, porque se não fica um sentido ambíguo e se entende que ele era assaltante. É uma ferida que nunca se acaba, se eu falar que é um assalto, que é uma pessoa branca, será que as pessoas não vão entender que no assalto aquela pessoa foi assaltada? Quando é pra falar do meu pai e subentende-se que ele é negro, eu tenho que falar que ele foi assaltado, aí eu já tenho que passivar o verbo, que ele foi assaltado e ele reagiu ao assalto.

O corpo Negro e as marcas do racismo

A cultura negra e o corpo são fundamentais. Sobre o corpo se assenta todos os sentidos e significados.. O corpo integra co cosmos igualmente os outros elementos do ecossistema. O corpo humano deve ser compreendido em relação aos outros elementos como água, a pedra, as árvores; o corpo é ao mesmo tempo sujeito e objeto.

Para Sodré (*apud* Rocha e Trindade, 2003, p.58)

eu lembro assim, uma coisa que marca também eu não podia colocar química no cabelo, só podia trançar porque meu pai era contra, e pra mulher dele não, pra minha mãe ele achava que ela tinha que usar cinta e tinha que alisar o cabelo, mas a filha dele não, a filha dele só podia alisar o cabelo naquele momento ritual dos quinze anos, que vai fazer a festa, então assim, minha prima que era trançadeira chegava lá em casa ele falava: - Trança o cabelo de Luane!

só que aí eu saía na rua com as trancinhas, meu cabelo era grande, ia até o ombro assim, sem química, aí eu saía com eles com pai e com mãe e as crianças na rua me chamava de meduza, aí eles não falavam nada, ficavam quietos, aí eu chegava em casa chorando.

Não tinha intervenção contra o racismo, aí a minha mãe falava: - Ah minha filha! Você é linda, mais ninguém contava uma história positiva sobre a meduza, então eu ia interiorizando aquilo ela (a mãe) sempre soube pentear, nunca foi doloroso, ela sempre penteava das pontas pra raiz e não da raiz para as pontas... Mas assim as falas: - Ai Luane você nunca vai poder ter franjinhas, seu cabelo é duro! Filha, seu cabelo não é bom. Ela achava que estava construindo a minha identidade. E hoje eu vou questionar isso com ela, mais ela não ver erro nisso, ela é uma mulher negra que usa dreads, e quando vou questionar ela diz que não tinha informação, que isso tem a ver com o estudo da pessoa. De certa forma sim, se ela tivesse no movimento negro também, ela não precisava ter estudo pra saber que não ia me construir bem.

Quando eu tinha doze anos, eu fazia relaxamento, só que meu cabelo não abaixava do jeito que eu queria e não balançava, ficava aquele todo com buraco aqui atrás na nuca e a cabelo todo quebrado, era um horror. E eu lembro que na época, era em 1996, a Taís Araújo tinha estreado como Chica da Silva, e os meninos da escola cantava: - Ah! Lá vem a Chica da Silva! Meu cabelo tava na altura do da Taís Araújo e os garotos da escola ficavam cantando Chica da Silva, eu me sentia extremamente ofendida. Eu era negra, gordinha, com o cabelo duro não é.

Percebe-se uma forte percepção sobre a violência as crianças negras em relação a sua imagem corpórea, na qual o cabelo crespo e a cor da pele tem um profunda identidade com as noções de inferioridade do negro e da mulher negra, que sob a ótica dos valores eurocêtricos, reafirmam a branquitude como valor central da experiência humana. ausência de conteúdos referentes à cultura negra, seja na escola ou na família acabam por reforçar, juntamente com a mídia uma identidade branca, portanto legitimadora de uma concepção universal de beleza.

Vivência da sexualidade na juventude

Minha vida foi assim, eu não queria crescer, não quis crescer rápido, eu achava que não podia beijar na boca se não eu ia engravidar igual a Daniele, Daniela é uma prima minha emprestada que engravidou quando tinha quinze anos. E minha mãe sempre dizia que eu podia beijar na boca que não engravidava. Falava que pra engravidar tinha que fazer sexo, mais eu tinha muito esse medo. Então assim, eu era muito tímida, apesar de que assim quando tinha algumas brincadeiras no quintal eu liderava mais eu era muito pra dentro, devido às humilhações que passava na escola mesmo.

Na adolescência e juventude

eu não falava muito, eu era aquela garota tímida que era discriminada e ficava muda. Passei muito tempo assim, eu só falava na aula de história, adorava aula de história, geografia eu falava um pouco, e sempre fui boa aluna nessas áreas.

Com nível de crueldade, meu professor de Educação Física, se achando muito interdisciplinar, veja bem, eu com catorze anos nunca tinha beijado na boca, só fui beijar na boca com quinze anos e eu não saía de casa. Eu não queria fazer a aula e o professor chegou pra mim e perguntou: _ O que foi Luane, ontem o carinha no baile funk te deu um fora? Eu nunca tinha ido ao baile funk, só tinha ido a duas festinhas perto de casa e eu nem gostava muito. Ai eu respondi: _ Professor, eu não vou a baile funk, eu ouço Gal Costa, eu ouço Luiz Melodia, meu irmão pode ir a baile funk, mais eu não vou não! Eu fiquei chocada. _ Ontem o cara te deu um fora lá no túnel? Ai eu fiquei olhando pra ele, porque na minha época, os funks tinha a questão do corredor, que era a questão da porradaria, mais eu lembro que tinha muita música romântica, era o auge de Claudinho e Bochecha, MC Marcinho, MC Cacaú, mas, eu não ia a baile funk, meus coleguinhas iam, e tudo mundo cantava as músicas.

Desde criança eu queria fazer balé, minha mãe correu tudo lá porque eu queria fazer balé, mais não tinha lá perto e ela ia gastar muito dinheiro de passagem, por isso que eu não fiz. Eu não podia gostar de outra coisa, tocar piano, por exemplo, eu não to fazendo uma crítica ao funk em si, mas é muito difícil, eu não podia gostar dessas coisas consideradas mais clássicas?

Primeiros contatos com a questão racial

No Liceu, acho que foi o que abriu mesmo os olhos pra questão racial, eu tinha uma professora negra de história, mas ela não tocava na questão racial e dois professores brancos tipo, uma de História e um de Biologia, o de Biologia chegava e dava o livro de política pra gente e falava: _ ah, vocês tem que ler sobre o Governo Collor e dizia, o Brasil é um país racista, onde nos presídios só tem preto e pobre.

A escola realmente, foi um ambiente me travou em vários sentidos. E muito da minha aptidão que me levou a fazer Ciências Sociais, embora eu tenha sido representante de turma, eu nunca fui do grêmio, mais eu gostava muito de geografia, história e questões políticas, e odiava aquelas aulas de educação artes, não aflorou nada em mim, aflorou

mesmo aquela coisa do discurso, por isso que eu fui fazer Ciências Sociais. Eu sempre gostei muito de desenhar, mais na escola eu fiquei tão amargurada, que eu parei de desenhar sabe. Desenhei até os dezenove e depois parei, só voltei a desenhar depois que eu tava no Movimento Negro.

O primeiro contato que eu tive com os Racionais MC's, foi com treze anos, em 1997 e meu irmão foi à São Paulo e dizia: _ Ouve aí essa música, olha só ela tá falando sobre agente. E ninguém conhecia os Racionais aqui no Rio. E eu ficava pensando, poxa, se tivesse movimento negro no Brasil, eu ia poder dizer que as coisas que eu passava era racismo, eu sabia que as coisas que eu passava era racismo, era meio essa coisa da invisibilidade, eu sabia que era racismo, mas eu não tinha discurso. E Niterói era uma cidade horrorosa, porque no Rio de Janeiro se o cara vai ali na Lapa, ele vê escrito FEBARJ, Fundação Palmares, se você vai à Madureira... Agora, e em Niterói, eu só fui descobrir algumas coisas do Movimento Negro agora com vinte e cinco anos, a dois anos atrás.

Niterói é uma cidade horrorosa, eu descobri que tem um bairro de negros agora, que é o Bairro Caramujo, que antes era chamado de Colônia dos Escravos, eu vou lá fazer trança, mas não tem essa questão da militância a florada, e eu fico pensando que se eu tivesse estudado na UFF eu seria uma dessas mulheres negras exóticas, porque eu não tinha construção de nada, de identidade nenhuma, eu precisava chegar a universidade, eu precisava chegar a uma universidade com cotas raciais que nem a UERJ, tinha toda aquela polêmica, porque eu precisava costurar toda essa história, porque era tudo assim fragmentado, porque eu acredito que assim, a identidade você se alinha, e eu não tinha isso, da forma que eu tenho hoje.

O Vestibular

E no último momento me surge no vestibular da UERJ o tal do SAD pra implementação das cotas de cinquenta por cento das vagas pra escolas públicas e para negros, e meu irmão sempre antenado com as questões raciais, disse: - Luane, você não vai mais fazer o vestibular da Estadual da UERJ não. Eu lembro que eu tinha tirado B e C na primeira e segunda fase. Daí eu disse que eu ia colocar pra geografia, então ele disse, não coloca pra ciências sociais que é o que você quer, e coloca aqui que é cotas pra negro, então eu perguntei porque estava colocando aquilo, ele disse, não importa, tão colocando aqui uma vaga pra gente e você não tem que questionar, parece que vai ter uma bolsa também, você vai querer essa bolsa também. Eu lembro que foi em novembro e quando eu fui fazer eu tirei uma nota boa. Mais aconteceu o seguinte eu tenho problemas de atenção muito grande, e o tema da redação era pra falar sobre o defeito... Não prestei atenção que era pra falar mal sobre os defeitos, levei dois na redação, aquela nota foi tão baixa, que eu só entrei na reclassificação, fora os erros de concordância e de coesão, porque eu lembro que na sexta série eu fiquei noventa dias sem aula de português, o português da escola é um horror e por mais que minha mãe cobrasse, é até onde ela estudou. Meu irmão quando fez vestibular, minha mãe teve que coloca-lo numa aula de redação também. Agente sabe que tem um déficit, eu entrei por cotas, mas tem muita coisa que eu corro atrás até hoje. Embora eu tenha passado, tomei muito pau na faculdade por causa disso. Por não ter tido acesso a uma boa educação e por mais que eu tenha estudado numa

escola que era referência em Niterói, eu não tive uma boa educação, e eu sei que vou ter que correr atrás a vida inteira, porque quando eu cheguei na faculdade, já tinha passado um bonde inteiro. Não passei de cara no vestibular, e fiquei em segundo lugar na reclassificação, as notas saíram no dia do meu aniversário.

ela disse que se eu não passasse no vestibular eu iria trabalhar no mercado “Jereizinho”, as meninas que trabalhavam lá, eram meninas negras, obvio, elas tinham que ser caixa e ainda limpar o mercado. Minha mãe disse: - Você não acha que eu to pagando pré vestibular, inglês e espanhol, e ainda informática pra você ir pra shows não é Luane? Se não passar no vestibular, vai trabalhar no supermercado. Quando ela falou isso eu entrei em desespero, eu era uma menina que saia de manhã pro pré pra não ter que limpar o cocô do meu cachorro, meu irmão que fazia minha cama, não fazia nada em casa, daí me bateu um desespero e eu comecei a estudar igual a “uma condenada”. Ai chega o dia da reclassificação, e ela disse que Marlene, que era síndica, tinha reservado uma vaga pra mim lá no “Jereizinho”, aí eu disse pra ela que mercado não era muita humilhação. Nesse período, a UERJ entrou em greve e eu fiquei enrolando ela, então quando saiu a reclassificação eu fui chamada.

O medo da violência racial

Nesse período, entra tanta coisa que saia na televisão sobre a política de cotas, parecia aqueles filmes americanos sobre a “Kurklus Klan” . Eu falei para o meu irmão que eu não queria ir sozinha, queria que ele fosse comigo pra fazer a inscrição, então ele dizia que na sala dele só tinha ele de negro e que na geografia, só tinha a Fabrícia. Eu falei pro Leandro ir comigo por que eu estava com muito medo. Tinha medo de apanhar, eu comecei a faculdade com quatro matérias, porque eu passei na UERJ do Rio e não tinha dinheiro para pagar passagem, nem sabia dos esquemas pra colocar carteirinha falsa, usar uniforme, e eu tava com muito medo, porque do jeito que passava na televisão aquela revolta das pessoas, parecia que eu tava roubando a vaga deles, eu tinha muito medo mesmo de apanhar, devido aos discursos que a TV passava,

O início das aulas

No primeiro dia de aula, eu me choquei com as pessoas querendo aparecer mais do que os outros, aparecer pro professor, falar mais do que outras pessoas, de onde eu vim não tinha isso, essa competição, eu nossa, as pessoas competem tanto, isso foi a primeira coisa que me chocou, a segunda foi porque nós da classe média, nós da classe média, eu olhei assim e disse, que eu não era da classe média, ali eu já tinha uma noção do que era classe média. Outra coisa, era também na aula de ciências políticas, era que então gente, esse discurso aqui do Locke, é igual aquela música do Chico Buarque, daí eu perguntava que música, ah tá, quem é Chico Buarque? Esse eu não conheço não, aí todo mundo a é, Chico Buarque, daí falava, esse eu não ouço não, ouço Gonzaguinha e Tim Maia.

Chocou-me muito foi a hipocrisia acadêmica, foi que numa aula, tinha acabado de acontecer a morte daquela menina Gabriela, aqui na Tijuca, aí a professora foi comentar.. não porque agente nunca espera que isso fosse acontecer no asfalto, na baixada, a gente nunca espera, ela usou essas palavras mesmo, porque se fosse acontecer na Rocinha, uma menina 14 anos morrer, seria mais ou menos comum, porque os nosso os olhos estão acostumado, aí levantei e falei, mais professora, no baile funck final de semana, eu falei um número que talvez estatisticamente nem exista, eu falei, morrem cento e cinqüenta jovens de comunidade e ninguém fica chocado, ninguém tem que ficar chocado com a morte da Gabriela não. Então ela falou que a Gabriela era do asfalto, e na periferia sempre morrem gente mesmo. Aquilo pra mim foi um marcador, eu lembrei vários primos que foram envolvidos com o tráfico e que morreram, eu fiquei assim, por que naquele momento, eu entendi como se ela tivesse falando que a sua morte é diferente da minha, a sua morte não tem valor, a minha tem. Isso foi no meio do período, e no final do período ela disse que era favorável a política de cotas, mais eu não acreditei muito, porque uma pessoa que diz que é normal os jovens negros da periferia morrem muito, não pode ser favorável a essa política, ela disse que era favorável porque os negros já sofreram muito e que não tinha se posicionado na época da polêmica porque não tinha lido muito e que não gostava de se posicionar sem embasamento teórico. Eu me choquei muito com a dinâmica acadêmica nesse sentido, mais é que talvez eu ache que são falas num contexto onde se tem muitas pessoas favoráveis você tem que dizer que sim, mais se fosse em outro contexto e tivesse que votar, você ia dizer que não, eu entendo que é esse mecanismo. Muitos professores entrando em sala de aula e dizendo que o nível dos alunos caiu muito e eu lembro que e a professora era péssima, sempre reprovava muito, mais sempre tinha que justificar nas cotas. Eu lembro que no início, a turma era misturada, na segunda turma de 2004, era bem dividido, eram os pobres de um lado e classe média da zona sul de outro, não existia uma interação de fato, na turma de 2004 eram os pobres sentados de um lado e os ricos da zona sul de outro. Na minha turma era mais misturado, os pobres e os ricos e você vê um cara que estuda com você no segundo período, entrar num carro de cento e cinqüenta mil reais, porque você num primeiro momento entrar por ações afirmativas, não diz muito, se você tem uma identidade racial toda fragmentada.

Estética negra

Quando eu entro na universidade, eu entro com aquele cabelinho trançado, e então eu percebo que na minha sala tem muitos brancos, e eles usavam muito o cabelo grande, eu tava com meu cabelo curto e tava começando a crescer, eu sou uma pessoa muito vaidosa e mesmo tentando usar um estilo hippie, eu era muito vaidosa mesmo, eu refazia minhas tranças três vezes por semana, e todo mundo perguntava, quem trançava meu cabelo e dizia que era eu mesmo, porque eu tava aprendendo a trançar, então minha mãe falou que tava legal e que era pra eu continuar trançando mesmo meu cabelo. E eu tive um incentivo muito forte da família pra voltar a usar. E eu ficava olhando o Hugo com aquele cabelo Black Power, que era da filosofia e ficava pensando: - Meu deus, que homem lindo é esse? E é uma coisa muito interessante que quando eu tinha quatorze anos eu olhando meu cabelo e me perguntava: _ Será que dava pra eu usar meu cabelo igual aquele pessoal da década de setenta.

Minha mãe fazia coquinho e eu gostava, e uma vez, eu disse que queria soltar meu cabelo e comecei a andar com o pessoal da filosofia que usava o cabelo solto, o Hugo

o Erivelton, comecei a ter contato com pessoas que usavam dreads, e eu não via isso em Niterói, e pensei, porque o cabelo pra mim, as vezes ele vem primeiro do que a minha cor de pele, ele é o primeiro agente pra ser discriminada, não era discriminada por causa do formato da minha boca e do meu nariz, então assim, eu era discriminada por causa da minha cor de pele e por causa do meu cabelo. O cabelo era a grande dor que eu carregava, porque eu ouvia piada por causa do meu cabelo e por causa da minha cor de pele. Eu lembro que eu comecei a me incomodar de ter que usar meu cabelo preso, eu um belo dia eu pensei: _ Vou usar meu cabelo solto, tinha cortado toda a parte com química e disse que iria usar ele solto e minha mãe disse que eu tava louca, minha mãe também oprimida, trabalhou a vida inteira em casa de família, e hoje ela fala: _ agora eu posso usar dreads, porque não preciso mais trabalhar, como eu ia usar dreads trabalhando na casa daquelas mulheres nojentas? .

E naquele dia eu coloquei uma faixa e fui pra faculdade, esse foi um dos meus primeiros processos de libertação, eu fui pra faculdade e quando cheguei à sala todo mundo olhou, e foi engraçado, porque em 2003 na UERJ eu lembro que já tinha uma menina que usava Black Power na filosofia, mais ela usava porque era totalmente hippie, eu era hippie mais não conseguia me juntar com aquela galera, como na escola, eu queria fazer teatro mais não gostava das coisas que aconteciam no teatro, e eu sentei na sala, e uns garotos brancos vieram falar: _ Ih, você virou parente do Hugo, você tá fumando maconha? Nesse nível, eu virei e falei: _ Não César, você não pode usar seu cabelo grande, não pode usar o seu solto, então, porque eu não posso usar meu cabelo do jeito que ele é? Daí quando acabou a aula, eu fui pro corredor, mais fiquei me sentindo oprimida, nisso veio o Hugo e disse: _ Nossa, você tá bonita, eu senti um alívio, parecia que era o meu pai falando quando eu acabava de fazer trança. Então ele me perguntou se eu sabia o que era garfo e eu disse que sim perguntei se não era aquele negócio que se usava antigamente e ele disse que sim e que ia trazer um pra mim, eu fiquei meio assim, porque nem tinha muita amizade com o Hugo, e ele me perguntou por que eu estava usando meu cabelo assim, eu disse que era porque eu tava me sentindo sufocada e que não queria mais usar trança. Nisso a gente já tava escrito nos espaços afirmados e lógico que entrou a questão do interesse, porque chegou um homem bonito e disse que eu tava bonita com o meu cabelo, essa foi a primeira costura, chegou a Helen e disse assim: _ Pô, seu cabelo tá maneiro, eu gostaria de ter coragem de usar, e nisso eu volto pra aula mais fortificada, e nesse dia eu fui pra sala dos espaços afirmados, que era um projeto que tinha na UERJ, voltado pra negros e cotas de escola pública que pegava mais o pessoal da área de humanas, nesse dia, a sala estava fechado, não tinha aberto, e quem eu encontro? Marcio André, ele olhou pra mim e falou: _ Ai poxa, tá com o cabelo bonito! Porque você tá com o cabelo assim? Eu disse: _ eu to me sentindo sufocada com ele preso e ele disse: _ Você tá muito bonita! E me perguntou se eu conhecia a Neuza Santos, e eu disse: _ A atriz? Ele disse: _ Não ela é uma autora. Então eu perguntei: _ Quando você vai me trazer o livro? Ele disse: _ Amanhã, o nome do livro é “Tornar-se Negro”.

Eu sempre gostei muito de teatro, desde pequena eu ia no teatro, minha mãe sempre deixava um dinheiro pra gente ir ao teatro, quando entramos no teatro da Gávea, sumariamente branco, e eu lembro que eu fui no banheiro, e todo mundo olhando pra gente, e meu irmão contou: _ um dois, três eu e você cinco. E eu disse: _ cinco o quê? Ele disse: _ cinco negros, olha como todo mundo fica olhando, eles devem estar pensando, no mínimo foram pretos que entraram na faculdade. E agente sentia a repressão no olhar, e ele falava: _ Puxa, não tô entendendo! Você tá maquiada, tá de salto, não tô entendendo porque fica todo mundo olhando preconceito, ai deu a maior bafafá, ele foi parar na diretoria. Ele disse – ah se eu sou macaco, a senhora é uma puta, uma piranha. E deu a maior confusão.

Porque minha família sempre teve aqueles momentos de reflexão sobre o racismo e de enfrenta-lo. E minha disse: _ Não, você vai sim enquanto você tiver dinheiro e enquanto você tiver oportunidade, você vai sim, por que se quando eu fosse nova, quando eu trabalhava em casa de família e saía do trabalho e ia tomar água de coco na praia de Copacabana, e as pessoas olhavam pra mim e diziam que não era pra eu tá ali, e eu ficava com aquilo introjetado (não com essas palavras tá?) e deixava de ir, descobri que era só porque eu era preta, eu não tinha deixado de ir e tinha aproveitado mais o meu lazer, então, vocês não estão estudando, vocês vão sim, porque todas as vezes que vocês quiserem ir, vão sim, todas as vezes que vocês tiverem dinheiro, vocês vão. Então eu pensei: _ Quero militar no Movimento Negro!

Militância

Já tinha conhecido o M.N. da UERJ, já tinha conhecido a EDUCAFRO, os primeiros coletivos Norte americano e o Márcio André já tinha me dado vários livros, já tinha um contato com a Helen [...] Pedia a ela uma opinião. - Ah! O único cara que eu conheço que é militante do Movimento Negro é o Rogério. E eu perguntei? _ O Rogério que é meu orientador lá no LPP? E isso foi muito interessante, e eu fui conversar com o Rogério. E eu disse pra ele: _ e eu quero ser militante, e o Rogério me perguntou o que era Movimento Negro, e o Rogério fez uma fala que a ficha só foi cair em 2006. E o Rogério disse: _ eu posso até te levar lá no CONEI, mais você é uma mulher negra, e o CONEI era o Coletivo de Negros do IFCS da UFRJ, mas, lá é um coletivo misto e eu acho que você poderia ir lá ao Criola que é uma ONG de mulheres negras, porque ser mulher negra tem coisas específicas. E eu disse: _ Ah, qualquer coletivo serve.

Sua militância foi intensa e perpassou pelas entidades: Denegrir, Aqualtune e CENEGA- Coletivo de Estudantes Negros e Negras

Movimento negro e as questões de gênero

eu começo a militar no Movimento Negro, mais nunca no sentido da minha condição de mulher, partindo de um ponto do racismo como um todo, sem olhar pra minha condição de mulher negra, sem olhar pra minhas especificidades. E nós fundamos o Coletivo de Estudantes Negros do Rio de Janeiro – CENEGUE, que era misto, de homens e mulheres e de várias universidades. Tinha meninas que falava da questão das mulheres negras, mas minha ficha não tinha caído ainda e como tinha o CEDEM, como era um coletivo diverso, que as cabeças acabavam sendo o Humberto, o Rogério e o Márcio, as reuniões aconteciam quando eles queriam, era para montar o ato; o Rogério tava no mestrado, o Márcio no mestrado, então as reuniões não rolavam. E eu vou pro COPENE, mais ainda flutuando, eu lembro que o CENEGUE só durou um ano e quando eu vou fazer Pensamento Social Brasileiro, eu já sabia um montão de teorias, porque eu tinha aprendido no Movimento Negro. Mas, a minha ficha de mulher negra ainda não tinha caído, mais eu já tava comum incômodo e em 2005 eu começo a estagiar com você, e eu já estava com esse incômodo que era igual ao incômodo do racismo, mais eu não sabia identificar, veja bem, o CENEGUE já tinha

se esfacelado, e os caras, até a discussão acerca das mulheres negras estavam muito avançadas, até em relação ao DENEGRIR, mais eram os homens que estavam no controle.

Agente já tinha uma questão que era uma chapa de estudantes negros se inscreverem pra concorrer ao DEC da UERJ, porque o DCE da UERJ tava fechado, e nisso o André vem e muda pra UERJ, o CENEGUE e queria montar uma chapa, e eu não queria, estava com medo, não queria participar de uma coisa que tem homem, eu tava assim sabe. Mas eu fui e nós montamos uma chapa, e tinha a Luciene, a Lu, que foi sua estagiária, que sacava muito e começou a trazer algumas coisas, eu lembro assim porque, eu não sei se é uma questão da juventude, se é uma coisa espiritual, mais, qualquer coisa eu brigava, tudo eu queria da minha maneira, tinha um ódio, queria jogar pra fora todo o racismo que eu tinha passado, eu tinha muito ódio mesmo, tudo era os brancos, e que foi bom, porque agente tem que jogar esse engasgo pra fora mesmo, eu tava com vinte e um anos. E foi bom jogar pra fora, porque agora agente olha pro passado, eu tenho umas amigas, que estão com a idade que eu tenho agora, vinte e oito anos e entram no DENEGRIR e querem jogar esse engasgo fora agora, sabe? Ai eu falava assim, porque eu era igual você quando eu tinha vinte e um, e elas dizem: _ Ah Luane, tudo você quer ser a “foda”! E eu digo: _ Não na verdade, eu não quero ser a foda, eu só tenho a vivência de militar no Movimento Negro, eu tô nesse negócio de Movimento Negro Universitário há algum tempo, já passei por essa fase e por isso, consigo compreender toda essa especificidade que estudar numa UERJ tem. Eu lembro que agente monta aquela chapa, e agente passa de sala em sala, e a Luciene tem uma voz ótima porque com aquela voz mansa, ela vai falando tudo que quer. Eu lembro que a UERJ na época mudou até a política dela, limpou aquelas falas que tinha nos banheiros do nono andar que era: “fora judeus, negros e os homossexuais”, eu tive um professor de sociologia que implementou o discurso da chapa “Avançar” na sala de aula, sobe a questão do banheiro ser pichado. Mas, esse professor em especial que era o Maurício Burapo (?), que era único que falava sobre racismo, que existia mesmo e que tinha que existir movimento negro, e eu acho que ele só fava isso porque ele era árabe, eu tive aula com ele em duas turmas seguidas, e eu lembro que teve um dia que ele quis elogiar um penteado que eu fiz, eu acho que ele sabia tanto da questão da mulher negra que ele chegou assim: _ Eu quero te falar um negócio, cheio de dedos e com medo, sei lá, acho que ele tinha medo de que eu pensasse que era uma cantada, a ele disse: _ Luane, mais olha só, é só um elogio, eu acho muito bonito quando você faz esses penteados. Mas realmente se repensando a posição dele sabe. E foi o único, e era muito bom, quando eu pensei em fazer a monografia o cara já tinha se aposentado, mais foi o único. Era um professor muito bom, dava aulas diferenciadas, explicava a origem das coisas pra depois explicar a teoria em si, o contexto histórico, ele até colocou o discurso da chapa em sala de aula, e foi um momento importante, porque eu lembro que os partidos que estavam na universidade, PSTU e outros partidos que estão nessa universidade, não defendiam a política de cotas e ai eles vão pegar aqueles negros que ficam nos partidos entregando papel, e colocam pra falar em sala de aula, eu lembro que quando agente entrava em sala de aula pra falar, todo mundo questionava se era uma chapa do movimento negro, e agente porque: _ Uma chapa só de negros não pode ser de alunos, tem que ser do movimento negro? E agente respondia que não, era uma chapa de alunos negros. Isso me marcou muito, e da chapa que agente fundou, agente queria fundar, já não existia mais o CENEGUE, e eu lembro que antes da chapa, agente queria fundar um coletivo só de negros e negras da UERJ, a chapa em si, tinha trinta e sete pessoas, que assinaram o papel, e agente dizia que não dava pra ficar só o CENEGUE, porque

a UERJ tinha questões que agente tinha que acompanhar, depois que agente ganhou um cargo e aí, faz, reuniões, reuniões, e falamos: _ Vamos fundar o DENEGRIR.

Vamos fundar o DENEGRIR, demoramos um tempo pra escolher um nome, porque eles deram um cargo pra gente e agente lutou muito, porque os partidos políticos queriam passar a perna na gente, e nós acompanhamos lá a contagem de votos. Eles criaram um cargo só pra gente discutir discriminação. Criaram uma secretaria dentro do DCE e deram pra gente, pra discutir, discriminação racial, violência de gênero, e pra pessoas com necessidades especiais. Fundamos o DENEGRIR, de dois mil e cinco pra dois mil e seis e eu começo a militar no DENEGRIR, e eu fiquei no DENEGRIR militando. Não é pra me “gabar” não, mais muitas meninas soltaram os cabelos, a partir do momento que eu soltei o meu, e elas falavam assim: _ Eu te admiro muito porque você usa seu cabelo solto, porque se eu tivesse o cabelo igual ao seu, eu não usaria, porque eu sei que seu cabelo é mais crespo do que o meu e o de fulana... As meninas falavam do meu cabelo e achava que eu era toda grossa, mais não, eu dava livros pra pessoas lerem, cortei química do cabelo de duas pessoas, a Kaíze começou a usar o cabelo, a Gabriela, e tinha o Hugo que ficava perturbando as meninas.

Intolerância religiosa e homofobia

Eu lembro que o Z. P. tinha feito o santo no ano da chapa, e ele era homossexual e também era de candomblé. Eu lembro que uma vez, a filha do B. tava correndo no grupo e o Moacyr falou pra ela parar de correr, e o Z. falou assim: _ Deixa o erê correr! Nisso o B. retrucou: _ Tá amarrado que é erê, tá amarrado, isso é coisa do demônio, e o garoto estava de preceito sabe e quando eles descobriram que ele era homossexual, as piadas, toda intolerância que eu entendo que dentro do Movimento Negro ele deveria ser abraçado por ele está fazendo o santo e ir de quelê pra universidade. Não, ele foi extremamente discriminado, ele foi extremamente desrespeitado, e eu só volto nisso porque hoje eu sou de candomblé, eu me reencontrei, mas, enquanto eu não me reencontrava eu também não discriminava. Eu lembro que a gente fez outro evento com o PROAFRO e eu lembro que você marcou colocou Oxum e Yansã e Yemanjá na mesa e foi o maior conflito dentro do grupo, o B falou assim: _ Por isso que os “irmãos não vêm pro Movimento Negro, porque a maioria da população negra é crente e aí quando chegam nesses espaços, ficam colocando essas coisas de macumba na mesa. Porque eu cansei de ver a minha avó passando mal, com essas coisas do demônio. E aí a Clarissa chegou e falou: _ B. calma, não fica assim cara, isso faz parte da mitologia africana, se o cara não tem maturidade pra reconhecer isso, sinto muito, mais tem que ter sim, mais tem que ficar sim. E ele queria ter tirado, acho que você não soube, mas rolou esse conflito todo lá fora.

Movimento de Mulheres Negras e limites e possibilidades

Eu tenho muito carinho pelo Aqaltune, eu me afastei do Aqaltune porque, eu não sei mais como está hoje, mais dentro do Aqaltune tem muita gente que ainda fica falando como é que você tem que ser, que você tem que uma mulher negra que tem que casar, que tem que ter filho, que tem que respeitar seu homem. Eu quero ter filhos, mais não sei se eu quero casar, eu sei que eu tenho uma personalidade muito difícil, não quero

sustentar homem, já tive experiência de homem querendo me explorar sabe, e eu não quero também homem que acha que vai me dominar, eu também não quero um homem que acha que é só por ser militante, que ele vai me construir, construir uma coisa que já esta construída, porque muitos chegam com essa postura, e isso me irrita, eu não quero estar num grupo que diz o tempo todo como o outro tem que ser, que esse é o modo de ser negro, extremamente essencialista.

Eu Luane, não pretendo alisar, mais quando eu vou pra uma entrevista de emprego, dependendo do emprego, eu boto trança, porque eu sei que a trança dependendo de um contexto eu vou conseguir passar, e é melhor ir trançado do que só com ele mesmo. Quando eu fui pro campo (tcc), eu fui com várias verdades dentro de mim, que quem alisava o cabelo, alisava porque não gostava de si, porque não tinha o entendimento... E quando eu fui pro campo, eu percebi que diante de tanta dor e de tanta subordinação, de tanta colonização, as mulheres negras ali construíram outras perspectivas corpóreas sobre seus cabelos. E eu falei: _ eu vou ser militante e vou dizer que só é militante quem não usa química, eu vou ser “ideóloga”, dizer o que eu critico dos brancos, dizer a minha verdade? Ou eu vou trazer a verdade delas? É óbvio que tem que ter uma negociação com a academia, até porque a academia quer ouvir isso, mas eu falei não... eu vou respeitar as minhas entrevistadas, a Nilma Gomes já havia apontado isso, era uma coisa que eu não tava querendo ouvir, mais eu disse que eu ia respeitar.

Ancestralidade religiosidade

Vivia naquela cidade e assim, no Liceu tinha um centro de línguas, ainda era evangélica, mais tava saindo da igreja, porque era engraçado que na igreja tinha aquele discurso assim, que, a faculdade te faz mal e que lá você só faz perversidade. E meu irmão falou assim: _ Ó você tá na igreja, mais você quer estudar não quer? Então, você não vai agüentar você vai sair da igreja, porque quando você chegar à faculdade você não vai agüentar aquele bossau falando que não é pra você estudar e que a faculdade te faz mal, tudo isso vai mudar e ele me dava umas “porradas” que me faziam balançar, e repensar muitas coisas, você não vai agüentar ficar e realmente, não consegui ficar, fiquei até os dezessete anos, mais com dezoito já estava “ralando o pé”.

A militância negra pra mim foi um momento de encontro comigo mesmo, o encontro com a ancestralidade não foi através da militância no Movimento Negro, o encontro com minha ancestralidade teve muita influencia sua, do Jorge, que me deram várias porradas no PROAFRO, que a minha ficha não caia, e vocês falavam: _ Pô Luane, não dá pra ficar sem religião. Acho que vocês já viam que eu tinha problema com a minha espiritualidade e não falavam. É óbvio que o Movimento Negro me ajudou muito a desconstruir esses olhares que a sociedade tem sobre o candomblé e sobre a umbanda. Mas, o encontro com a minha ancestralidade é um trabalho que começou lá na minha família, com a minha avó. E aí eu volto pro Movimento Negro, e aí eu fico no Movimento Negro por muito tempo e vejo o que não é, por muito tempo e aí eu entro no Candomblé. A colonização conseguiu me fazer ter medo do que quando era criança eu ia pulando saltitando feliz. Então assim tive um companheiro que foi uma merda em outros sentidos, mas em termos de religião ... “Cara, como você ter medo

de alguma coisa que quando você era criança você ia pulando, sorrindo com sua avó?”

Candomblé

O candomblé para mim, quando eu entro no terreiro, eu faço o que a mãe Edeuzuíta fala: eu esqueço os meus títulos, eu esqueço que eu sou socióloga, eu esqueço que eu faço uma outra faculdade, eu esqueço que sou militante. Realmente eu me posiciono ali para aprender. E o terreiro tem sido um lugar pra mim que óbvio, que eu vivencio uma africanidade que eu não me dou conta. Ressignificada? Pode ser. Mas que é um dos lugares que eu me encontrei, que eu precisava porque eu tinha vários problemas espirituais que eu não dimensionava. A cabeça totalmente perturbada e que eu não dimensionava. E por exemplo, hoje faço terapia, mas eu já estou há dois anos no candomblé, então eu estou trabalhando na terapia os problemas, acredito eu, que não são espirituais, que são coisas da realidade física.

Eu tenho aprendido muito porque é uma religião que inclui, a entender e a respeitar o homossexual muito mesmo porque eu tenho vários irmãos de santo, meu pai de santo é. Então assim eu tenho aprendido muito a respeitar o outro, que uma coisa... E minha relação com os brancos também melhorou porque como eu tinha que expulsar esse racismo e sempre sofri muito por causa dos brancos, eu queria matar todos os brancos. Mas dentro do Candomblé eu tenho conseguido ter uma relação. Óbvio que eu não vou ficar subalternizada, vão me chamar de macaca e eu vou ficar quieta, mas eu já consigo dimensionar o respeito. Porque durante muito tempo eu fiquei com muito ódio, porque quando você começa a estudar e a pensar o que fazem com você, o ódio te toma mesmo, aí depois que sua ficha cai. Hoje vê que sou, definindo, para terminar, mulher negra que se construiu a partir do movimento negro. Eu era uma Luane que estava muito fragmentada, que tinha uns valores familiares muito inseridos, que vêm até hoje, mas que construiu uma identidade negra, que continua com dor, porque ser negro para mim é vivenciar uma dor cotidiana, é ver os seus sempre na miséria e na pobreza. Mas assim, no início eu via ser negro só no sofrimento, hoje eu vejo ser negro também numa perspectiva de humanidade: é sofrer, é ter dores, mas é também ter alegrias, sabe? Eu consigo ver isso. Eu não falo pra mim que eu sou bonita, só porque eu sou negra e que eu tenho que dizer isso para mim. Eu me sinto bonita. Porque eu olho para mim, eu me vejo bonita. Isso assim, não sei, no meu passado eu não faria. Então assim, o movimento negro foi fundamental na minha construção. Na religião, eu não sei talvez daqui a alguns anos eu fale: “Ah foi por causa do movimento negro”, na religião eu acho que foi porque eles me guiaram mesmo, e eu acredito que eu estar no movimento negro é também porque eles querem. Porque eu vejo que cada passo que a gente dá, não é porque cada passo que a gente dá, não é porque você deu sozinha, porque quem você carrega com você, falou você vai ser isso.

Para Luane o racismo para as mulheres negras é eliminatório. Em sua vida é foi destruidor e para as famílias negras é fator de desestruturação. Na sua infância foi uma catástrofe e na adolescência, inibidor; na juventude aterrorizante e na fase adulta, um nó na garganta. Considera o racismo no Brasil mortal e o racismo institucional degradante.

O racismo na escola é eficiente e na universidade sem parâmetros. Na formação profissional é excludente e no trabalho é cansativo. Nas relações afetivas é uma barreira. No âmbito da militância o racismo e o sexismo são obstáculos epistemológicos.

Para ela a política de ação afirmativa no ensino superior para jovens é uma forma de recurso para a verdadeira inclusão do negro.

Allyne Andrade

Allyne, tem 25 anos, sexo e gênero feminino, auto declarada negra, heterossexual, advogada. Nasceu e reside no Rio de Janeiro e reside. Filha de um casal preto, casados entre si. O pai, 54 anos, contador com formação pós- graduada. A mãe, 57 anos, superior incompleto. Renda familiar declarada foi de R\$ 2000,00 referente a bolsa CNPq, na época entrevista.

Sempre morou em Realengo, bairro de periferia da zona oeste do Município do Rio de Janeiro, na casa dos pais. No que concerne à educação, frequentou na infância e na adolescência estudou em escola particular. Juventude e idade adulta na rede pública de ensino. Contando sempre com a ajuda dos pais, só recentemente com os seus próprios proventos. É Militante do Aqualtune (Associação de Mulheres Negras da Aqualtune)

O racismo para as mulheres negras é a desvalorização de nossos corpos, da nossa beleza, e da nossa contribuição para a sociedade; a nossa invisibilidade enquanto consumidora, cidadã, mãe, estudante. Somente somos lembradas no comércio de alisamentos e nos comerciais de carnaval. O racismo na minha vida é uma percepção diária; uma luta cotidiana.

O racismo na família de Allyne é presente nos poucos relacionamentos interracialis. A miscigenação traz confusões na identidade de alguns membros da família e expõe os problemas raciais brasileiros. Mas, em geral, vivemos entre nós,

aprendendo uns com os outros a superar os obstáculos do racismo e a nos consolar. O racismo nem sempre teve esse nome, mas nunca passou despercebido por nós.

O racismo na sua infância foi a percepção de que ela era uma das pouquíssimas negras na escola e a vontade de alisar o cabelo para ficar como uma negra americana; e a dificuldade de achar bonecas negras. O racismo na adolescência foi bastante difícil, pois Allyne era popular, mas bastante defensiva/agressiva. Brigava com todos que ousassem discriminá-la. Tem muitos amigos brancos, aqueles que a respeitam e negros também, foi um tempo feliz. O racismo na juventude é uma consciência que fere e exclui. Ele a motiva para lutar e autoafirmar-se como negra e feminista.

O racismo no Brasil é estrutural. Segundo ela, faz parte de um senso comum. De uma ideologia bem construída para a conformação das classes mais pobres. É um dos racismos mais bem sucedidos, pois os negros têm dificuldade de identificá-lo – acreditam que são feios e despreparados. O Brasil é um país bastante tolerante ao racismo.

O racismo institucional é uma realidade. Presente nos processos coletivos, nas admissões e promoções. Sempre bem escondidos por falsos critérios meritocráticos. O racismo na escola é a ausência de nossos heróis negros, nossas vitórias, de imagens positivas de alunos negros. O racismo na escola é um dos mais importantes instrumentos de opressão do povo negro.

O racismo na universidade é um desprezo de um local que deveria prezar o saber, pelas contribuições de mais da metade da população. A universidade apriori elege os saberes que não interessam para ela, somente para barrar a entrada de um público pobre/negro na universidade. A desproporcionalidade de pesquisa sobre os temas negros ou, quando as pesquisas existem não são publicadas ou divulgadas, a universidade ignora o saber produzido pelos afro-descendentes.

A branquitude é um fator bastante decisivo para a sobrevivência na universidade. A necessidade imposta ao aluno negro de, cotidianamente, provar que merece estar ali, de valorizar o seu próprio saber, torna tudo mais difícil.

O racismo nas relações afetivas é a valorização da miscigenação, a economia do afeto, a diferença no tratamento, no respeito dispensado a mulheres brancas e negras. Allyne sempre achou que deve ser uma grande dor amar somente o diferente, o *outro*.

O racismo no trabalho é a própria seleção racista, o ambiente é tão racista como todos os espaços sociais que freqüentamos. Na militância do Movimento Negro o racismo é o motor e uma paralisia, nos movimentos sociais em geral, a ausência de debates sobre negros é uma constante, é a negação do racismo brasileiro. E o sexismo presente sempre... Bastante forte nos movimentos negros e especialmente dolorosos quando manifestado por homens negros, pois estes são, ou deveriam ser companheiros de nossa luta contra o racismo.

A política de ação afirmativa no ensino superior para jovens é fundamental. É uma forma objetiva de mudar a representação social, de estimular a produção do saber acadêmico. A institucionalização de ações afirmativas no ensino superior, no trabalho, nos concursos públicos foi o que atentou Allyne para a militância e o que mudou a sua vida. A ausência de negras e negros nos espaços de poder é uma realidade objetiva que precisa de resposta.

A infância

A minha infância foi lúdica e muito feliz. Eu fui criança, tive a felicidade de ter uma mãe e um pai participativos. Mesmo não tendo uma consciência racial, nem sendo integrantes do movimento negro, sabiam da negritude, não a desvalorizavam, o que eu acho importante. Eles sempre deram importância à educação, fizeram tudo que podiam fazer para eu estudar, estudar inglês, estudar o que fosse, fazer jazz, natação... Sempre fizeram isso, tanto para mim quanto para o meu irmão. Acho que foi por isso que eu desenvolvi esse amor pelo estudo, pelos livros, já na infância. Hoje percebo que as crianças não ganham muitos livros de presente, mas eu sempre tive isso. Na minha família, minha mãe sempre me presenteou com livros. Presenteava-me por passar de ano na escola também.

Eu tive uma mãe muito participativa na minha vida escolar, participativa até demais. Ela era mãe representante, organizava e ia às festas da escola, discutia com os professores. Todo dia ela estava na escola, eu dizia que ela era mãe de porta de escola. (risos) Minha mãe escolheu ser dona de casa, para ficar com a gente.

Trabalho e Desemprego na família negra

Minha mãe quando era adolescente, 12 anos, trabalhou como empregada doméstica, pois meu avô botou todas as filhas pra trabalhar nessa profissão. Todas as minhas

tias já foram empregadas domésticas, mesmo assim meu avô cuidou para que elas terminassem os estudos. Terminar os estudos significava ter o ensino médio. Eu tenho 10 tias por parte de mãe. Meu avô era analfabeto, trabalhava muito, botava os filhos para trabalhar na obra e as meninas pra trabalhar em casa de família quando completavam 12 anos. Depois minha mãe melhorou de vida, fez o segundo grau, era secretária bilíngüe. Meu pai se formou, é contador, mas para isso trabalhou também desde os 08 anos de idade, ele era feirante. Então eles não foram precisando mais disso e as minhas tias também, todas já se formaram na universidade, todas depois de ter filho, com 30 anos, com 40 anos. Só tem uma tia minha que ainda é empregada doméstica, mas por opção, o que é diferente, ela gosta de ser empregada doméstica, que é diferente do que você ser obrigada pelo seu pai.

Então quando meu pai ficou desempregado, em 2001, no primeiro ano tinha o fundo de garantia, a gente ainda viveu bem, mas nos tínhamos custos muito altos, como a manutenção do carro, viagens... essas coisas, além do disso, teve o acidente do meu pai. Minha mãe voltou a trabalhar como empregada doméstica e meu pai num supermercado. Foi uma lição muito grande pra mim. O ensino médio foi uma fase de estagiar, de ter meu dinheirinho, de conquistar uma certa independência. Comecei a sair sozinha, conquistei a confiança de meus pais. E ver minha mãe voltando a trabalhar como empregada doméstica, sem nenhuma amargura, foi essencial. Ela não tinha nenhuma amargura, meu pai até tinha, mas a minha mãe não tinha nenhuma e isso foi uma lição muito grande pra mim, da dignidade que a gente não pode perder nunca e nem da alegria, minha mãe estava sempre alegre. Eu nunca vi minha mãe reclamar, três anos que meu pai ficou desempregado ou subempregado, o que não é pouca coisa.

Relações familiares: referências importantes para a construção da identidade negra positiva

Minha avó paterna teve e tem muita consciência racial, embora tenha sido analfabeta até quase os 70 anos de idade. Agora ela tem 88, mas sempre dizia pra mim – minha filha, os brancos não são confiáveis. Parece que meu bisavô matou minha bisavó, ou minha bisavó morreu - não sei direito- e depois distribui os filhos em várias casas. Minha avó e meus tios-avós foram todos criados por padrinhos e só se conheceram depois de mais velhos, se procuraram nesses programas de rádio de antigamente. Minha avó paterna, Dona Adelaide, foi registrada como se nascesse em 1922, embora não tenhamos certeza. Foi criada como escrava, acordava 3 horas da manhã, não pôde estudar, colhia milho, plantou café... essas coisas. Ela era tratada como escrava mesmo e sempre quis estudar, mas não deixavam ela estudar, batiam nela. Eu tive avó materna também, Dona Glória, mas faleceu cedo, só me lembro dela fazendo roupinhas para as minhas bonecas e fazendo comida mineira, tão gostosa.

Minha avó Adelaide falava: Eu via aqueles brancos com anel de doutor, já tudo novo estudando, e eu tendo que trabalhar. Então quando meu avô quis casar, ela com 17 anos (nas suas contas), idade em que se registrou para poder casar. Por isso, a gente não tem a exata certeza que ela nasceu em 1922. Depois de casada, ela trabalhava como posseira, ela trabalhava, mas a maior parte ficava para o dono da terra e ela nunca conseguiu fazer dinheiro suficiente. Quando ela juntava o dinheiro pra comprar a terra, a terra estava sempre mais alta, o dobro. Eles ficavam trabalhando e não conseguiam o pedaço de terra sonhado. Meu avô falou que no Rio era melhor porque

aqui eles não enganavam tanto os pobres, que teriam mais oportunidades. Meus avôs, tanto paternos, quanto maternos são de Minas Gerais. Meus avos paternos venderam tudo, os dois analfabetos, meu avô conseguiu um emprego e a minha avó teve os filhos e foi criando, lavando roupa e fez questão de que os filhos estudassem, porque ela tinha essa dor de não ter podido estudar. Então ela sempre falava muito isso pra mim, de como o negro era visto, de como o negro era maltratado, do jeito dela, das histórias dela, mas ela tinha essa percepção da diferenciação entre negros e brancos. Então eu acho que essa minha entrada no EDUCAFRO foi meu jeito de nomear essas coisas que eu e minha família já sentíamos. A luta pela educação é importante, porque minha família acreditou que a educação salvava. Não esqueço a primeira entrevista que dei e que eu saí no jornal. A minha avó já sabia ler, eu fui mostrar pra ela, toda feliz, e ela que estava muito feliz porque eu não tinha saído nas páginas policiais, porque é só assim que a gente sai no jornal. Depois que minha avó aprendeu a ler, ela lê todo dia, porque ela diz que não quer nunca mais esquecer as letras. O fato de ela ter feito essa leitura da minha matéria, oi mais importante pra mim do qualquer outra pessoa que pudesse ter lido aquilo. (Emocionada).

Discriminação:

Cabelo

Eu questionava bastante as coisas na escola. Mas sempre fui “vaselina” questionava e não desrespeitava os professores. As pessoas implicavam comigo, por tudo, falavam do meu cabelo, que o meu cabelo era duro, eu puxava o cabelo das meninas, eu colava chiclete no cabelo daquelas que tinham cabelo liso e queriam jogar o cabelo na minha cara. Eu realmente não permitia que as pessoas fizessem essas coisas, mas não entedia muito bem, pois não tinha uma construção racial. Hoje já consigo lembrar que eu já tinha essas coisas, do embate. Lembro até das bonecas negras que meu pai tentava me dar, e que quase não tinha quando eu era criança, era raríssimo, mas lembro que eu tinha duas, que ele mandou buscar, alguém foi nos Estados Unidos e viu uma boneca negra, meu pai mandou trazer pra mim. Era a boneca que eu tinha, no início queria passar henê no cabelo dela, pois ela tinha o cabelo crespo (risos). Eu passava henê também, então eu queria passar hene no cabelo da boneca, mas minha mãe me convenceu a não passar, já que iria manchar a boneca toda!

Lembro que desde muito pequena, a minha primeira memória sobre o racismo refere-se à questão do cabelo. Com sete anos, eu queria fazer permanente, na época era o permanente americano que estava na moda. Isso é uma coisa que lembro bastante da minha infância, de já existir essa preocupação com o cabelo, que é uma preocupação que não é nossa, a gente absorve o que os outros falam, de como é bonito o cabelo liso, de que o cabelo crespo é duro, é ruim. A gente cresce vendo as nossas mães, nossas tias, nossas avós “fazendo o cabelo” e queremos fazer. “Fazer o cabelo” marca que já somos mocinha, fazer o cabelo, alisar, não andar só de trança. Porque na minha cabeça, criança só anda de trança e mocinhas alisavam o cabelo. Ter um cabelo “adequado”, “bonito” já é uma preocupação para a criança negra. Creio que isso não é natural, não tem que ser uma preocupação de criança. Entretanto, reconheço nessa preocupação uma tentativa, uma necessidade de pertencimento numa sociedade que não reconhece nossa beleza. Alisar o cabelo para fazer-me mais bonita.

Isso é uma consequência do racismo na minha infância, embora eu tenha sido uma criança muito feliz.

Escola: espaço de valorização e afirmação da identidade da criança negra

Tive uma infância tão feliz! Mas eu já era bastante difícil, tinha uma personalidade bastante forte. Principalmente quando eu comecei a estudar e entender que o mundo não era só eu, que é o outro também. Começa os embates, a defesa das posições que desde cedo a gente já busca. Lembro-me, eu estudava numa escola particular no subúrbio do Rio, em Realengo, escola Elpídio da Silva, eu amava aquela escola. Continuo morando até hoje em Realengo, moro na mesma casa desde que nasci. Na minha infância, eu tive uma professora negra, a tia Edna que foi muito importante para mim. Ela sempre procurava - hoje eu entendo isso, na época mim eu não entendia- dar um sentido positivo, por eu ser a única aluna negra na sala e eu era uma das melhores alunas da escola. Ela sempre fazia questão de me dar medalhas, de colocar fadinhas e estrelinhas no meu caderno, pelo meu desempenho, de fazer aquele auê todo na sala e eu acho que isso foi muito importante pra mim.

Na escola eu fui popular, tive muitos amigos, brincava muito, gostava de dançar. Sempre quis ir para a universidade, desde pequena, dizia que seria jornalista, queria ser igual à Glória Maria. Ela era uma referência externa que eu tinha de negritude. Agora me emocionei porque lembrei da história, queria ser igual à Glória Maria. Sempre quis ir para universidade, o estudo era uma coisa natural para mim, nunca tive outro caminho, meus pais não me deram outro caminho.

Logo depois, no ano seguinte, em 2001. Meu pai ficou desempregado, sofreu um acidente gravíssimo de carro. Ficamos numa situação muito difícil. No início do desemprego meu pai tinha dinheiro guardado, indenização, não tivemos muita crise, mas depois que a grana começou a rarear foi uma época de muita crise, de um embate com a realidade. Nunca me faltou nada, meu pai me mimou muito, tanto pra mim quanto para o meu irmão. Tudo que a gente pedia nos ganhávamos, todos os brinquedos, todas as roupas, tudo. Meu pai e minha mãe se matavam pra dar tudo pra gente. Então, tanto essa ida para escola pública (meu irmão também foi pra escola pública foi pro CEI de Marechal), quanto essa coisa do meu pai ficar desempregado e de ver minha mãe voltar a trabalhar como empregada doméstica para ajudar no sustento da casa me marcaram muito.

Só que 2003 foi um ano confuso, começamos a ter algumas brigas em casa, todo mundo estressado, meu pai estava à flor da pele pelas dificuldades e pelo racismo no mercado de trabalho. Quantas vezes ele ia procurar novos empregos, passava nas provas, menos na entrevista. Teve até um caso que ele foi praticamente contratado e quando viram que era negro, disseram que a vaga era para uma mulher, que houve um engano. Pela primeira vez vi meu pai chorar. Aquelas dificuldades, a dor de ver meu pai qualificado sendo preterido, a luta da minha mãe, meu irmão sofrendo. Eu estava depressiva e só percebi depois. Demorei a decidir que faria o vestibular, perdi a data de todos os outros vestibulares, somente não perdi o da UERJ, porque ela entrou em greve e foi o único vestibular que atrasou. Os únicos ainda abertos eram os da UERJ e PUC. Um dia eu estava deitada, triste e comecei a orar. Sentia no olhar do meu pai e da minha mãe a preocupação deles, por eu não estar aguerrida para o vestibular, estar meio perdida. Além disso, tinha a dor deles por não poderem pagar

cursos para mim, embora eu nunca tenha reclamado. Mas um dia eu acordei e resolvi sacudir a poeira.

Cotas/vestibular

Isso foi no meio do período, e no final do período ela disse que era favorável a política de cotas, mais eu não acreditei muito, porque uma pessoa que diz que é normal os jovens negros da periferia morrem muito, não pode ser favorável a essa política, ela disse que era favorável porque os negros já sofreram muito e que não tinha se posicionado na época da polêmica porque não tinha lido muito e que não gostava de se posicionar sem embasamento teórico. Eu me choquei muito com a dinâmica acadêmica nesse sentido, mais é que talvez eu ache que são falas num contexto onde se tem muitas pessoas favoráveis você tem que dizer que sim, mais se fosse em outro contexto e tivesse que votar, você ia dizer que não, eu entendo que é esse mecanismo. Muitos professores entrando em sala de aula e dizendo que o nível dos alunos caiu muito e eu lembro que e a professora era péssima, sempre reprovava muito, mais sempre tinha que justificar nas cotas. Eu lembro que no início, a turma era misturada, na segunda turma de 2004, era bem dividido, eram os pobres de um lado e classe média da zona sul de outro, não existia uma interação de fato, na turma de 2004 eram os pobres sentados de um lado e os ricos da zona sul de outro. Na minha turma era mais misturado, os pobres e os ricos e você vê um cara que estuda com você no segundo período, entrar num carro de cento e cinquenta mil reais, porque você num primeiro momento entrar por ações afirmativas, não diz muito, se você tem uma identidade racial toda fragmentada. Luane B. Eu fiz Direito, as pessoas dizem que Direito na UERJ é o melhor curso do Rio. É uma faculdade bastante conceituada por ter muitas pessoas no poder oriundas da UERJ, por isso ela acabou ficando com a fama de ser a melhor do Rio, quiçá uma as melhores do país, pelo número de ministros do STF, procuradores do estado, juízes, membros do MP advindos dessa universidade. Falo isso para dizer que era bastante nítida a divisão na sala entre os cotistas e a classe média alta, que é o público pra qual a UERJ, uma universidade pública, foi feita. A classe média alta brasileira acredita que o espaço é deles, que é natural eles o ocuparem. Isso era um embate, porque para mim também era natural que eu estivesse na universidade, afinal também fui criada para isso, já para eles era óbvio que não era natural uma mulher negra, uma jovem negra na universidade. Como fui criada para isto, já comecei a brigar nesse momento, a questionar a insinuações dos alunos, dos professores, de que os alunos cotistas não tinham legitimidade para ocupar aquele espaço, como se não tivesse havido uma seleção.

Família e estratégia de combate a discriminação

Militância no EDUCAFRO

a Entrei na faculdade em abril de 2004. Estava inscrita no pré-vestibular comunitário, mas como já tinha passado na faculdade e as aulas da UERJ começaram em abril, resolvi criar um pré-vestibular comunitário na minha igreja e ser coordenadora. Muitas pessoas me ajudaram a montar o pré-vestibular na Igreja, meus vizinhos e os próprios membros da EDUCAFRO. Fizemos um núcleo em Padre Miguel e eu virei coordenadora junto com outras pessoas de pré-vestibular comunitário, além disso eu militava no EDUCAFRO.

Vim pra UERJ, no primeiro ano fiquei militando na EDUCAFRO como coordenadora de pré-vestibular comunitário, dava aula de cidadania, de português e ajudava na sede. Foi na EDUCAFRO que comecei a me apaixonar pelas questões raciais, a ler mais sobre o tema, queria entender certas coisas que eu sentia, mas que não conseguia nomear. A injustiça do racismo, o racismo que te precede, chega antes de você em todos os lugares, não te deixa falar e te silencia. Além disso, varias outras questões ram problemáticas para mim, até história da minha própria família.

Mas o tempo foi passando, a EDUCAFRO é um movimento misto de carentes e afro-descendentes e ali eu comecei a ter determinados choques. Começou a ficar patente para mim os diversos mecanismos que tornavam mais fácil um carente se inserir dentro da universidade do que um afro-descendente. Fui começando a me incomodar, mas eu precisava de um discurso racial mais construído e dentro disso os embates que surgiram dentro da própria universidade me fizeram buscar algo mais radical, de raiz mesmo.

Militância no DENEGRIR

Eu escutei hoje no rádio uma notícia sobre pré-vestibular comunitário, para negros. Uma tia minha também me falou, e eu fiquei com aquilo na cabeça. Alguém trouxe o jornal da Educafro pra mim, o Frei Davi estava na capa do jornal, era uma manifestação a favor de ações afirmativas. Também vi uma entrevista na TV sobre ações afirmativas, tinha algumas ações no tribunal contra o sistema de cotas, tudo no mesmo período. Resolvi ir, no EDUCAFRO. Na reunião geral conheci muita gente que depois passou a fazer parte da minha vida. A luta por ações afirmativas me fascinou, estudei o tema, militei muito a favor dessa mudança. Fui muito feliz como parte da Educafro. Mas como eu cheguei lá no final do ano, só fazia sentido me inscrever no pré-vestibular comunitário no ano seguinte, em 2004. Apesar disso, comecei a freqüentar suas reuniões, ajudava na sede.

Em 2005, eu estava andando pelos corredores e um amigo meu chamou e falou que um pessoal do nono andar – que abriga os cursos de Filosofia, História e Ciências Sociais- faria uma reunião com os alunos negros da UERJ para discutir nossa situação. Era época de DCE, tinha eleição para o DCE, a gente resolveu fazer uma chapa, a “Avançar”, não fiz parte da chapa como integrante normal, mas fiz toda a campanha. Nós tínhamos uma estratégia e não falávamos diretamente sobre questão racial. Chegávamos à sala, imagina o impacto que tinha, de só negros fazendo campanha. A questão das cotas pautava per si e a gente falava o que pensava. Era imediato, quando a gente entrava na sala os alunos perguntavam se nós éramos cotistas e o que pensávamos sobre a questão racial.

Fizemos sozinhos a campanha, o orçamento foi de imagina... R\$ 300,00 que juntamos do nosso dinheiro e colocamos cartaz pela UERJ toda. Nessa época, o pessoal já fazia campanha com R\$ 4000,00... 5000,00. A gente fez um auê aqui, armou uma capoeira, botamos a UERJ abaixo. Fizemos essa construção do avançar, ganhamos a eleição na proporcionalidade, tinham duas coisas pra votar, proporcionalidade e a chapa que você gostaria. Ganhamos umas cadeiras no DCE, mas começamos a discutir que isso não era suficiente, tínhamos a chapa, mas o que faríamos depois disso?

Resolvemos fazer um movimento de estudantes, um coletivo de estudantes negros na universidade. Essa reunião ocorreu no dia 13 de maio, durou 48 horas, ficamos esse tempo todo sem dormir, só terminou no dia 14 de maio, quando foi fundado o

DENEGRIR. Escolhemos a cor amarela. Andávamos por aqui de camisa amarela perturbando os racistas da Universidade. Fizemos um coletivo de estudantes negros que na época da fundação tinha como objetivo a difusão de ações afirmativas, discutir a questão das bolsas, porque na minha época a bolsa só durava um ano e era ridícula, apenas R\$ 190,00. Além disso, não podíamos acumular com outra bolsa de pesquisa. Não tínhamos laboratório de informática na UERJ, quem não tinha computador sofria pra fazer os trabalhos, tinha custos. Qual estudante que sobrevive com R\$ 190,00? Sem alojamento, sem bandejão, com uma biblioteca pouco equipada. Éramos um movimento focado no espaço universitário, nós queríamos ver a lei 10.639/2003 implementada na universidade.

Movimento negro e as questões de gênero: a construção da autonomia pelo feminismo negro

Acabei me lembrando de algumas que foram determinantes para que eu passasse a discutir gênero. Quando entrei na UERJ, em 2004, conheci a Monique e a Clarissa, minhas veteranas que foram do primeiro ano de cotas. Elas foram importantes pra mim, me receberam na universidade, me explicaram sobre os professores e tornaram a vida mais suave. A Monique era de Criola, uma ONG do Rio de Janeiro, e já tinha uma construção sobre gênero que me ajudou. Também tinha a Kaize, que apesar das grandes diferenças é uma grande amiga. Na época tivemos alguns problemas, porque certas pessoas da turma estavam “zoando” os meninos que ficavam com mulheres negras, fizeram uma brincadeira na minha sala e chamavam os meninos que “namorassem” com meninas negras, consideradas feias, de São Jorge (São Jorge é o santo que mata dragões). A partir desse episódio que comecei a pensar gênero de forma combativa, para além das divisões de tarefa na minha casa. Então eu e Kaíze Ribeiro escrevemos um artigo “A beleza que o ibope não escolheu” e publicamos no jornal do Centro Acadêmico de Direito. Nesse dia, o corredor do Direito silenciou para nos passarmos, todos estavam lendo esse artigo. Kaise e eu chegamos juntas na universidade, todos nos olhavam, cochichavam entre si. Depois ela foi na sala e falou do racismo, falou na frente de um professor nosso que era super racista, falou sobre o racismo e a questão de gênero. Foi uma catarse, as pessoas choraram, ela falou do enfrentamento diário contra o racismo a discriminação por gênero. Isso me marcou muito, primeiro pela garra dela (emocionada), as pessoas dessa época nunca vão esquecer disso. Depois disso começaram a surgir umas questões pessoais, em relação à traição. Comecei a identificar a discriminação com as mulheres e vi que nos éramos execradas. Passei a perceber a tentativa de deslegitimar mulheres através do comportamento sexual delas, discriminação feita tanto por homens, como pelas mulheres entre si. Allyne Andrade No aniversário do meu pai de 50 anos, ele mandou eu convidar todos os meus amigos, chamei todo mundo. Nesse dia, foi em 2007, a Katiúscia Ribeiro, e todas nós, mulheres, estávamos com essa mesma percepção da questão de gênero nas relações. Eu, Katiúscia Ribeiro, Fabiana Magno Lacerda, Kaise Ribeiro Toledo estávamos na mesa e resolvemos criar um grupo de mulheres negras. Depois conversamos com a Lenora, que era psiquiatra do Pedro Ernesto, grande mulher, já falecida e patrona de nosso coletivo. Falamos com ela sobre essa

nossa vontade, queríamos ir num abrigo, trabalhar com várias mulheres. Em nossa primeira reunião, conhecemos uma menina moradora de um abrigo que começou a conversar com a gente, foi algo meio místico. Fechamos essa questão de que não seríamos um coletivo acadêmico, seríamos uma associação de mulheres e trabalharíamos em associação de prostituta, em abrigo, em creche, em escola, com a questão de raça e gênero. Começamos a organizar o AQUALTUNE, e aquele falatório, as pessoas comentando porque um coletivo de mulheres. Nosso grupo cresceu, varias meninas de outros lugares estavam sentindo a mesma coisa. Acho que depois da questão racial não resolvida, mas já sedimentada dentro de nós, começamos a ver esses embates de gênero que ocorriam dentro do próprio movimento negro e na sociedade.

No início do AQUALTUNE, só tínhamos nós 4, depois o grupo cresceu. Todo grupo tem seus embates, varias mulheres já passaram pelo AQUALTUNE, mas agora o grupo se estabilizou.

No aniversário do meu pai de 50 anos, ele mandou eu convidar todos os meus amigos, chamei todo mundo. Nesse dia, foi em 2007, a Katiúscia Ribeiro, e todas nós, mulheres, estávamos com essa mesma percepção da questão de gênero nas relações. Eu, Katiúscia Ribeiro, Fabiana Magno Lacerda, Kaise Ribeiro Toledo estávamos na mesa e resolvemos criar um grupo de mulheres negras. Depois conversamos com a Lenora, que era psiquiatra do Pedro Ernesto, grande mulher, já falecida e patrona de nosso coletivo. Falamos com ela sobre essa nossa vontade, queríamos ir num abrigo, trabalhar com várias mulheres. Em nossa primeira reunião, conhecemos uma menina moradora de um abrigo que começou a conversar com a gente, foi algo meio místico. Fechamos essa questão de que não seríamos um coletivo acadêmico, seríamos uma associação de mulheres e trabalharíamos em associação de prostituta, em abrigo, em creche, em escola, com a questão de raça e gênero. Começamos a organizar o AQUALTUNE, e aquele falatório, as pessoas comentando porque um coletivo de mulheres. Nosso grupo cresceu, varias meninas de outros lugares estavam sentindo a mesma coisa. Acho que depois da questão racial não resolvida, mas já sedimentada dentro de nós, começamos a ver esses embates de gênero que ocorriam dentro do próprio movimento negro e na sociedade.

No início do AQUALTUNE, só tínhamos nós 4, depois o grupo cresceu. Todo grupo tem seus embates, varias mulheres já passaram pelo AQUALTUNE, mas agora o grupo se estabilizou.

Movimento de mulheres negras: identidade de projeto

Eu é que estou fazendo a minha libertação. Contribuiremos com as outras mulheres negras que assim quiseram ingressar nesse movimento conosco. Falarei aquilo que é caro pra mim, para mulher negra, o que é essencial pra mim. Acho que o AQUALTUNE hoje dá essa liberdade para as integrantes, de terem visões diferentes de mundo e de feminismo, o que antes não dava. Isso fez parte do amadurecimento do grupo, a concepção de que cada um é cada um, mas isso não inviabiliza o nós. Perdemos excelentes militantes por causa desses embates. Pessoas que tinham posições muito mais liberais, avançadas, mas que no início não conseguíamos administrar essa diversidade na unidade. O AQUALTUNE é muito importante pra mim hoje, é o movimento que eu faço parte, que eu não larguei, que me faz melhor. Embora eu ache que, atualmente, jamais posso militar como militei no DENEGRIR, pois aquilo que eu dei para eles, não sou mais capaz de oferecer para ninguém. Primeiro porque foi muito intenso, era tudo ou nada, se jogar de cabeça. Penso que hoje eu tenho essa

consciência de grupo, que demora, às vezes você quer fazer algo e o grupo não avança. Eu tinha essa ânsia e a gente acaba se atropelando, porque centraliza, o outro não concorda, discute... Hoje em dia eu espero a minha evolução e a do grupo, tem que ter a sintonia de todas nós, construir consenso, não tenho mais tanta pressa. Também entendi que não preciso deixar minha vida pessoal de lado, porque movimento negro, de mulheres feministas... o que seja, tem um monte de gente pra fazer, agora da minha vida pessoal só eu para cuidar da minha felicidade, dos meus estudos, da minha saúde, ninguém vai fazer isso por mim. Acho que hoje consegui esse equilíbrio.

Vestibular

Quando saiu o resultado, a minha surpresa foi que eu tinha passado para a segunda fase. Nesse momento resolvi estudar. Foi um exame classificatório diferente, caiu português, geografia, história e inglês. Como eu tinha alguma base de inglês e português, foquei em geografia e história. Peguei esses livros de segundo grau e estudei sozinha. Fiz a prova sem falar para ninguém e não conferi o resultado. Mesmo assim, resolvi separar todos os documentos necessários para a inscrição. O ano em que eu fiz vestibular foi o segundo ano da política de ações afirmativas na universidade, houve uma mudança na lei. Era necessário o envio de todos os documentos autenticados, porém primeiro você fazia o vestibular e se classificava, para depois mandar os documentos para ser deferido como cotista. Ou seja, havia o risco de passar no vestibular e ter sua matrícula indeferida na universidade. Não havia um mecanismo pra você voltar para as vagas gerais. Se você passasse no vestibular e seus documentos não estivessem corretos, a vaga era perdida. Por isso, resolvi me prevenir. Separei todos os meus documentos, caso eu fosse aprovada. No dia de divulgação do resultado do vestibular foi difícil ver, pois a página da UERJ não carregava; os jornais já tinham esgotado todos. Como a UERJ estava em greve, o resultado foi divulgado por nome e não por número de inscrição. Saiu o nome no jornal e na Internet o nome por extenso. Como o meu nome é ALLYNE com dois L e um Y, a maioria das pessoas que já estudaram comigo reconheceram e o meu melhor amigo, Felipe Lima, que estudou comigo no ensino fundamental, ligou pra mim e falou: Allyne, tem um nome aqui igualzinho ao seu no Direito, é você? Eu achei que você iria fazer jornalismo, mas o nome é igual ao seu, não é possível e está aqui como cotista pra negro, você fez Direito? E eu falei que era eu. – Então você passou no vestibular. Eu chorei... gritei... meus pais e meu irmão ficaram tão felizes. Depois que passou a euforia, comecei a pensar em como me sustentaria na universidade.

Cotas

Lembro-me que na primeira aula do direito, um professor preocupado com as cotas, um professor respeitado, fez uma enquete para saber de onde vinham os alunos. Quem vem do Santo Agostinho? E aquela cabeçada levantou a mão. Quem veio do Abel de Niterói? Quem veio do São Bento? Quem estudou no Ph, Pedro Segundo, dos Caps? Do Colégio Militar? Resumindo, ele só citou as escolas mais caras ou mais famosas do Rio de Janeiro e depois pediu para que os restantes identificassem suas escolas. Do

CEI de Quintino era só eu na sala. Entretanto, a minha geração do CEI de Quintino foi uma geração muito boa, todos os meus amigos entraram para a universidade pública, mas a maioria em áreas tecnológicas. Mesmo estudando em escola técnica, não cumprimos o papel que o estado espera de nós, que é o de virar trabalhador, sem uma formação mais avançada. Fomos todos para a Universidade.

Impacto da ação afirmativa na formação profissional

Em 2008, fui para o Japão num intercambio que sempre quis fazer. Escolhi o Japão por razões pragmáticas, primeiro porque dava bolsa e meus pais não tinham condições de pagar e segundo, por essas coisas que sempre acontecem comigo. Eu pensei: posso ir pra qualquer lugar do mundo (sempre achei que iria pra vários lugares), mas para o Japão acho que vou agora, é uma oportunidade única. E como sempre, ajetei todos os documentos, deixei guardado na gaveta e falei que se eu sentisse no meu coração uma coisa diferente eu me inscreveria. Um dia antes da inscrição não dormi, fiquei pensando naquilo, sonhei com o Japão. Então eu fiz e fui selecionada, fui a primeira negra a ir do programa aqui da UERJ, pela faculdade de Direito. E foi essencial. A Isabela, uma grande amiga, da UERJ, me ajudou na inscrição e nós duas fomos selecionadas. Primeiro porque o Japão é uma possibilidade, obvio que não deixei de ser negra lá, um país racista, xenófobo, mas foi uma possibilidade de ser só estudante e foi maravilhoso! Porque aqui, no Brasil, eu sempre me dei responsabilidades sociais, de ser um exemplo na minha família, para os meus primos. Sempre me preocupei muito com os estudos, e dar gosto aos meus familiares de buscar seu lugar, realizar seus sonhos. Preocupava-me em ser aceita, amada por todos, sempre tive essa necessidade das pessoas gostarem de mim. E no Japão, em algum momento, eu me desliguei dessa necessidade, de fazer um pouco o que as pessoas esperavam de mim. Estudei como todo estudante, mas resolvi me divertir. Viajei, fui esquiar, me batizei na Igreja também, estava precisando repensar meu lado espiritual, repensar um relacionamento que terminou. Enfim, eu fui fazer as coisas que achava que tinha que fazer.

Cheguei aqui para formar, somente faltava o décimo período, e eu sempre disse para minha mãe que não ficaria na universidade mais nem um segundo além do necessário para me graduar. Eu não gosto das coisas demorando, sinto-me marcando passo se não faço no tempo determinado. Aqui percebi que minhas idéias sobre diversidade davam para fazer um doutorado, ou melhor, um trabalho mais dedicado. Guardei a bibliografia e fiz uma coisa mais pratica para tirar uma nota boa, porque era melhor fazer sobre um tema mais fechado, passar e tirar uma nota boa. Fiz a minha monografia sobre discurso de ódio e liberdade de expressão, - hate speech, que é uma coisa que está sendo discutida agora no Brasil, relacionado à liberdade de expressão. Por exemplo, um parlamentar, como o Bolsonaro, poder usar da liberdade de expressão para dizer que é contra os homossexuais? Na monografia trabalhei com os limites que a liberdade de expressão deve ter pra não abrigar discursos discriminatórios. Foi uma escolha pragmática também, pois pude tratar do tema racial sem muitos problemas. Escolhi um orientador, professor de direito constitucional, titular da cadeira, prof. Luis Roberto Barroso, grande professor e profissional. Ele é um advogado muito famoso; procurador do Estado e bem sucedido nas questões de direitos fundamentais. Ele foi meu orientador. Apreendi muita coisa, fiz uma boa monografia, com mais de cem páginas. A Banca foi formada por professores importantes, como: Ana Paula de Barcellos e Thiago Magalhães. Obtive a nota máxima. Estava preocupada em fazer a prova da OAB e fui bem sucedida, graças a

Deus. E como tudo isso que acontece na minha vida, de forma meio místico, uma amiga me ligou, nesse meio tempo, e me falou: Allyne tem uma bolsa de diplomatas para afrodescendentes. Eu sabia da existência dessa bolsa e acompanhava o processo, mas tinha me desconectado, estava preocupada com a OAB. Ela viu o edital e lembrou que um já quis ser diplomata. Quando voltei ao Brasil, no final de 2009, essa minha amiga ligou falando da Bolsa Prêmio para afrodescendentes com vocação para Diplomacia. Fiz a inscrição e a prova, que estava difícil, mas pelo estudo que fiz no Japão, tive condições de fazê-la. Além disso, não deixei de ler o jornal brasileiro. Na prova, muitas questões foram relativas às relações internacionais. Fui aprovada, e fiz a entrevista em Brasília. Em Março, ganhei a bolsa, coleei grau, passei na OAB e fechei esse ciclo de Universidade. Agora estou estudando para concurso para diplomacia, advogando e sou do AQUALTUNE. Acho que essa é a minha vida, resumidamente (Risos).

Clarissa França

Clarissa, tem 27 anos, sexo feminino, gênero mulher, auto declarada negra, heterossexual, advogada. Nasceu em Aracaju e reside no Rio de Janeiro. Filha de um casal negros, casados. O pai, 57 anos, engenheiro químico e médico com formação pós- graduada. A mãe, 58 anos, médica com formação pós-graduada . Renda familiar declarada foi de R\$ 2000,00 na época entrevista.

Em sua cidade de origem morou durante a infância, adolescência e juventude na casa dos pais, no Centro da cidade, em companhia do irmão. Atualmente reside de aluguel no Rio de Janeiro. No que concerne à educação, frequentou na infância, na adolescência e juventude escola particular. Na fase adulta frequentou a rede pública de ensino. É Militante do Denegrir

O racismo para as mulheres negras é destruidor; para sua vida o racismo é diário e para as famílias negras é “normal”. Na infância foi presente sempre, na adolescência devastador e na fase adulta perverso e camuflado.

O racismo no Brasil é estrutural e estruturante. O racismo institucional é um reflexo. Na escola o racismo é “normal”; na universidade é naturalizado e escondido. Nas relações afetivas esta presente nas relações multirraciais. O racismo no trabalho é diário, na formação profissional é sempre presente e na militância o racismo tem o mesmo peso que o sexismo. As ações afirmativas no ensino superior são uma conquista.

O branqueamento como projeto das famílias negras em ascensão

Quando eu era criança, acho que não me reconheci enquanto negra, porque meu irmão é mais escuro, e eu o discriminava [...]Então eu não me reconhecia, porque no nordeste nós negociamos essas identidades e como sou mais clara, tinha toda uma negociação.

O isolamento e a discriminação dos setores negros em mobilidade como consequência do racismo

Hoje em dia olhando para trás, percebo que sofri muita discriminação. Sempre estudei em colégios onde só tinham brancos e os quatro alunos pretos eram eu, meu irmão e os meus dois primos, que eram da minha família. Penso que a minha família é uma exceção, pois todos os meus tios e pais são formados, são médicos, mas eu não tinha essa noção quando era criança. Somente quando cheguei ao Rio de Janeiro percebi isso, como sou exceção no universo da população negra.

Hoje percebo que minha família é muito isolada, um ponto dentro de uma classe média em Aracaju.

Somos muito sozinhos, não temos contato, porque você acaba se destacando da sua origem e ao se inserir fica sozinho. A sua família é aquela família preta, em que todos os médicos pretos da cidade são daquela família, que todos desconhecem.

Sempre convivi em espaços em que sou a única negra, hoje trabalho na procuradoria do município e sou a única negra.

O negro em ascensão e a experiência do racismo: o ideal de brancura presente no imaginário social.

Outra coisa que percebi como exceção na minha vida é o fato dos meus pais serem casados até hoje e serem dois pretos com formação universitária, minha mãe e meu pai são médicos. Na maioria das famílias negras a mãe sozinha, ou a avó cuida dos netos, sempre tem algum processo desse tipo. A minha família é muito diferente.

Mas quando eu aqui no Rio de Janeiro comecei a ver as histórias das mulheres negras, admirei cada vez mais a minha mãe. Eu falava para ela: “mãe... a senhora é maravilhosa... a senhora é uma lutadora”. Porque eu comecei a ver tudo que a minha mãe passou, a minha mãe era pobre, não tinha nada. Todo mundo falava que ela tinha que ser professora, porque filha de pobre tem que ser professora, mas ela quis ser médica, isso há mais de 30 anos. Há 30 anos uma pessoa negra, uma mulher negra, entrar na faculdade de medicina em Sergipe era muito difícil. Mas ela entrou e era a única negra..

Comecei a identificar todos esses processos também, todos os meus tios que têm ensino superior são casados com brancas. Todas as minhas tias ou são solteiras ou

são casadas com pretos. Somente uma é solteira, a gente no movimento chama de “preta top”, ela é cardiologista, super famosa em Sergipe, dá aula na faculdade de cardiologia, já foi presidente da associação, é cardiologista do governador, mas é sozinha, nunca se casou. Na minha família muitos conseguiram estudar, mas as mulheres estudadas não se casam. Elas falam que não encontram pretos que estejam no mesmo nível e também não são escolhidas.

Discriminação na universidade

Lembro de uma vez que nós estávamos na turma e uma garota negra estava com uma blusa do colégio de segundo grau para conseguir pegar o ônibus e vir para faculdade. Nossa professora quando viu falou: “Mas você ainda estuda no segundo grau?”. Ela falou: “Não”. E a professora continuou: “Mas porque que você tá com essa blusa? Sabia que isso é antiético?”. A professora humilhou a estudante. Então eu e a Monique levantamos mão, porque queríamos responder e ela não deu direito de resposta. Levantamos e saímos de sala com a garota. Na época eu não tinha argumento para dizer que estava havendo discriminação, mas a Monique tinha e falou que a professora estava discriminando

Quando nós chegávamos, mais ou menos dez negros juntos, todo mundo começava a se acotovelar e a falar. Parecia que éramos um bando de bandidos, era algo que parava a universidade. Muitos acusam a gente de querer acabar com a paz na UERJ, falavam que não podíamos construir uma chapa de pretos

Identidade hegemônica: a concepção do ser inferiorizado

Hoje em dia também vejo que por causa do racismo eu me sentia mal por ser preta, por achar meu cabelo feio, por ter uma bundona, entre outras coisas. Então, eu acabava focalizando no estudo. Sempre fui a primeira aluna da turma, porque era uma forma de me destacar, de me inserir, hoje em vejo que isso era uma estratégia.

Militância: identidade de projeto

Mas estudando aqui na UERJ eu conheci a Monique, que participava da ONG CRIOLA, foi ela que começou a minha discussão. Na verdade, eu a achava o máximo, porque ela é negra, toda imponderada e tinha coragem de se colocar. E eu falava: “gente quero ser que nem essa menina”. Ela falava o que ela fazia na CRIOLA e queria que ela me levasse.

Começamos a participar da chapa, ouvir as discussões e apesar de não concordar com várias coisas, não falava, por que eu não tinha embasamento teórico: não tinha lido Fanon, Malcon... (risos) E eu falava: “eu não vou falar, depois falo uma coisa que não tem nada a ver, todo mundo já é do movimento”. Depois eu procurava ler, comecei a me inteirar, foi uma época muito intensa, eu vinha para faculdade de manhã, só estudava, e ficava panfletando, indo nas salas e acompanhado o povo. Foi uma experiência que mudou a minha vida, porque comecei a ver a existência do racismo.[...] Foi uma época difícil, porque também não tivemos apoio do movimento negro. Também acho que não tivemos como acessá-lo, mas percebi que a gente não

teve apoio dos mais antigos. Na verdade os únicos que apoiaram, fizeram numa postura de “pedir benção” e dizer que se nós estamos lá foi pela luta deles considero que militar no DENEGRIR foi extremamente importante na minha vida. Acho que se eu não tivesse entrado na UERJ, no momento que entrei e não tivesse participado desse processo todo, vejo que a minha tendência de embranquecimento teria se mantido. Eu vim de uma realidade de embranquecimento e isso só se perpetuaria e se aprofundaria cada vez mais

Por isso, não basta somente lutarmos pela questão monetária, pelos bens materiais. Porque vamos conseguir, mas quando chegar lá a gente passará pelas mesmas discriminações, conseguiremos pagar e botar nosso filho preto na mesma escola branca, na qual ele será “esculachado” desde criança, assim como nós fomos. “Qual é a diferença?” Hoje em dia eu tenho dinheiro, trabalho, sou advogada, mas vou colocar o meu filho aonde? Em que colégio? Num colégio que reproduzirá a mesma coisa e ele sofrerá como eu sofri a vida toda, sendo a “tanajura” e o meu irmão sendo o “fedorento”. No final você está pagando pelo embranquecimento do seu filho

Assunção da estética negra: torna-se negra é um processo

Eu alisava o cabelo, foi um processo muito duro parar de alisar (risos). No movimento negro que eu participei o pessoal não é muito sentimental (risos). Ninguém entende o seu momento, todo mundo só quer que você pare de alisar cabelo e acho que não é assim, as pessoas precisam de todo um processo, apenas falar não adianta. Eu sofri com o cabelo desde criança. Acho que tem uns três anos que não aliso mais, parei um pouco antes de me formar. Eu não sabia como era o meu cabelo sem alisar, porque desde criança eu o aliso

Divergências na condução da luta antirracista na UERJ

*vi um fenômeno que foi todas as mulheres do **DENEGRIR** saíram. Apesar de entender o que elas falavam, não achava sair uma postura certa, pois penso que temos que construir dentro do coletivo e não abandoná-lo, o que não adianta nada. Decidi ficar, falei: “**Eu vou ficar aqui, foi eu que construí isso, eu que fundei, não vou sair**”. Eu continuei e fiquei até que o **DENEGRIR** ficou com cinco pessoas, sendo que quatro são homens*

*Comecei a participar do **AQUALTUNE**, mas tive muita divergência em relação ao posicionamento, porque eu já tinha um posicionamento do **DENEGRIR** e tenho uma postura diferente delas sobre o feminismo e a questão da mulher. Acabei saindo do **AQUALTUNE**.*